

# AUTORES & LIVROS

Ano V SUPLEMENTO LITERARIO DE "A MANHA" Vol. VIII  
18/2/945 publicado semanalmente, sob a direção de Ním. 4  
Lucio Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

## Noticia sôbre Pacheco Junior

Manoel Pacheco da Silva Junior nasceu nesta cidade, no prédio da rua do Hospício, n. 235, em 15 de abril de 1842. Era filho do Dr. Manoel Pacheco da Silva e de D. Rosalina Leonissa Pacheco da Silva, posteriormente barões do Pacheco. O Dr. Manoel Pacheco era médico distintíssimo no Rio de Janeiro, e de 1855 a 1872 foi reitor do Imperial Colégio Pedro II. Dali saiu, a insistentes pedidos do Imperador, para ir ser aio dos filhos da princesa D. Leopoldina.

Os estudos primeiros do jovem Pacheco Junior os fez em casa, sob a orientação paterna. Matriculou-se depois na Escola Central — hoje Politécnica — mas não passou do primeiro ano. Começou a frequentar a Escola da Marinha, num curso que ali havia, destinado a civis. Também lá não pôde permanecer. Declarou então ao pai o seu propósito de abandonar quaisquer estudos, e arranjar emprego. O barão, que provavelmente não gostou da ideia, pois sabia que aquelas flutuações de estudos não eram senão o resultado do temperamento extremamente dado à boemia do filho, teve entretanto que se resignar ao estado de coisas. Pacheco Junior fez-se amanuense da secretaria dos Negócios Es-

trangeiros, sendo em breve chamado para o lugar de oficial de gabinete do ministro daquela pasta.

A esse tempo, começou o Dr. Pacheco a observar que a saúde do filho ia definhando. Dirigiu-se a um colega e pediu que o examinasse. Feito o exame, o diagnóstico foi que Pacheco Junior estava com uma tuberculose em primeiro grau. Médico também, o Dr. Pacheco fez novo exame no filho. Não concordou com o colega, e verificou que o rapaz estava apenas enfraquecido, sendo necessária para a sua cura apenas uma viagem marítima. Pacheco Junior tratou de obter, então, uma licença do Ministro dos Estrangeiros, com o qual trabalhava, e partiu para a França. Era isso em 1863. O rapaz seguiu para Paris, e dali passou à Bélgica e à Inglaterra, permanecendo nessas viagens durante alguns meses. Voltou finalmente à Paris. Dali, em 64, regressou ao Rio. Trazia dessas viagens o espírito amadurecido e um bom conhecimento de assuntos linguísticos haurido nas grandes cidades em que vivera.

Até esse momento a reconstituição da vida de Pacheco Junior não ofereceu dificuldade. Aqui, porém, os dois biógrafos que nos estão orientando nesta notícia — Sacramento Blake e sobre-

tudo Heróides Lima — parece perderem o conhecimento exato das datas e dos acontecimentos.

Sacramento Blake — que no artigo Pacheco Junior é deficientíssimo — diz, vagamente, que ele "se dedicou desde muito jovem ao magistério, lecionou inglês no Liceu de Artes e Officinas e foi nomeado, depois do respectivo concurso, lente de português e história literária do Imperial Colégio Pedro II, hoje Ginásio Nacional." E nada mais.

Heróides Lima informa que Pacheco Junior se fez candidato à cadeira de língua inglesa no Imperial Colégio, sendo provido.

Mais tarde, naquilo estabelecimento mesmo, fez novo concurso: desta vez para a cadeira de português e literatura geral. Foi nomeado professor por decreto de 15 de março de 1879. Produziu, naquele momento, para servir como tese para o concurso, um notável trabalho, intitulado *Ariosto e Tasso*, que vai reproduzido neste suplemento.

Em 1886 jubilava-se no cargo do professor de português do Pedro II, e ia residir em Niterói. Na capital fluminense, tempos depois de sua jubilação, foi eleito vereador da Câmara Municipal. Morreu em 21 de fevereiro de 1899.



Pacheco da Silva Junior, após desenho de Armando Bucher.

## SUMARIO

Página 49:	Páginas 59 e 60:
— Notícia sobre Pacheco Junior.	— <i>Dialectos do Pacheco Junior.</i>
— Bibliografia de Pacheco Junior.	Páginas 61 e 62:
— Canção traduzida do Provençal, do P. da Silva Junior.	— Pacheco Junior. Excerto de uma conferência em 11 de maio de 1918, no Colégio Pedro II, de Heróides Lima.
Páginas 50, 51, 52 e 53:	Páginas 63 e 64:
— Polêmica do Pacheco Junior com João Ribeiro.	— <i>A poesia de Luís Mariano de Oliveira:</i>
Páginas 54 e 55, 56 e 57:	— Nota sobre Luiz Mariano de Oliveira (com desenho de Pacheco).
— <i>Ariosto e Tasso.</i> Dissertação para o concurso da cadeira de Literatura Geral de Língua Portuguesa do Externo do Imperial Colégio de Pedro II (1879).	— <i>Bosão de Rosa.</i>
Página 58:	— <i>Recanto castelo.</i>
— Pacheco da Silva Junior como crítico literário.	— <i>No vortice do cosmos.</i>
— <i>Reforma da ortografia Portuguesa</i> — J. B. Leão. — <i>Collecção de estudos e documentos a favor da reforma em sentido antigo.</i>	— <i>Devaneio.</i>
	— <i>Ecstasia.</i>
	— <i>Tôlé-à-tôlé.</i>
	— <i>Última lembrança.</i>
	— <i>Contraste.</i>
	— <i>Arrancada do herói.</i>
	— <i>A Vida dos Livros.</i>

## CANÇÃO TRADUZIDA DO PROVENÇAL PACHECO DA SILVA JÚNIOR.

— I —  
Melhor deve ser  
Neste aventurar  
Ver e não guardar  
Que guardar e não ver  
Ver e defender  
Muito bom seria  
Mos quem poderio?

— II —  
Praz-me o cavaleiro francês  
E a dama catalã  
O honrar do Genovês  
E a côrte castelã,  
O cantar provençal  
E a dauca trevisana,  
E o corpo aragonês  
E a perola juliana  
A mão e rosto de inglês  
E o donzel de Toscana.

— III —  
Outrassim me praz o bom senhor  
Quando é o primeiro na luta  
Com cavaleiro armado, sem temor;  
Que assim faz os seus alentar  
Com valente vassalagem.

(Gramática Histórica da Língua Portuguesa, pág. 41.)

## Bibliografia de Pacheco Junior

Com o auxilio das informações que possuímos podemos levantar a seguinte bibliografia de Pacheco Junior:

— *Nova método facil e prático para aprender lingua inglesa*, por Grassner, segundo os principios de F. Aha, modificado e applicado à lingua portuguesa. — Rio de Janeiro — 1876. Informa Blake que a obra teve várias edições.  
— *Estado da lingua vernacula, Fonologia*. — Rio de Janeiro. — 1877.  
— *Grammatica Histórica da Língua Portuguesa*, compendada para uso dos alunos do 7.º ano do Imperial Colégio Pedro II, das Escolas Normais e de todos os que estudam o idioma nacional. — 154 páginas — Tip. a vapor de D. H. Hazlett —

Rio de Janeiro — 1878. — Informa Blake que o livro Informa Blake que o livro teve segunda edição em 1893 "com mais um volume que se achava inédito."  
— *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. — Foi anunciado em 1878, e ia ser vendido a 400 réis cada fascículo de 32 páginas, dependendo o seu aparecimento dos assinantes que surgissem. Não sabemos se foi publicado.  
— *Noções da Análise Grammatical, fonética, etimológica e Sintática*. — É uma obra feita em colaboração por Pacheco Junior e Ventura Boscoli. — Teve mais de uma edição, diz o Blake.  
— *Ariosto e Tasso*. — Dissertação para o concurso da cadeira de literatura geral e lingua portuguesa do Ex-

terno do Imperial Colégio Pedro II — 1878. Este trabalho foi reproduzido na *Revista de Língua Portuguesa*, de Laudelino Freire (n. 33).

— *O Colégio Pedro II, seu passado, presente e futuro* — Rio de Janeiro — 1880.

— *Sintaxe*. — *Estudo a fundo da fisiologia e gênese da lingua*. — Sacramento Blake apenas dá a referência a este livro, acresecantando que nunca o viu.

— *Prontuário do escritor portuguez*. — É também uma vaga indicação do Blake, que não elucida nada com referência à data nem ao editor do livro.

— *Noções de Grammatica Portuguesa* — Rio de Janeiro — 1887. É uma obra em

(Continua na pág. 53)

# POLEMICA DE JOÃO RIBEIRO COM

## NOMES PRÓPRIOS

JOÃO RIBEIRO

Não é coisa de sômos importância no estudo da linguagem e grandezza material dos vocabúlos.

O conflito, conhecido no transformismo biológico pela denominação de *luta pelo existêcia*, estende-se a todos os fatos sociais.

As palavras vulgares e domésticas são por assim dizer os utensílios essenciais da linguagem. Por exprimirem coisas eternas, são igualmente eternas e não caem em desuso, mas com essa utilização frequente são as que, embora possuam o maior grau de vitalidade, mais sofrem a erosão e continua estrogo do uso. Assim, os termos da mais vulgar adjetivação, como *grande, belo, cento, santo*... deturpam-se e contraem-se nas formas *gran, bel, cem, são*. Os nomes próprios, antigos e modernos, pela constante aplicação na prática, originaram os hipocorísticos — *Zé, Juca, Mem, Rui, Vaz*, etc., que são formas contratas opostas às formas integras — *José, Mendô, Rodrigô, Vasco*, etc.

Esses utensílios, como as chaves, tendem em tôdas as línguas a ser monossilábicos ou pouco mais.

O uso das formas aludidas não é todavia arbitrário. Os espiritos anti-científicos que desprezam a observação, e se comprazem das construções a priori, consideram malvadamente como erros as formas *melroia, malcriação*. A forma *mal* que ainda hoje vive no castelhano, é contrata do antigo adjetivo *malo*, e é análoga à forma *bel*, ainda usada na expressão: a *belprezer*. É pois ignorância ou abusiva insubmissão aos fatos da linguagem o emprêgo das locuções: *má criação, mau raio*.

Há mais pedantismo do que correção na preferência agora dada a essas formas.

Relativamente aos hipocorísticos, antigos ou modernos, em boa norma são êles incompatíveis com toda a adjetivação salene. Se, hoje, não pedamos, em estilo sério, dizer — o *Conde Zé* —, jamais os antigos diriam — o *Conde Fernan* ou *Dom Mem*. O título atroia o uso do forma íntegro, e diz-se — o *Conde Fernando, Dom Mendô*. Por esta razão é que os castelhanos, nomeando o *Cid*, dizem: *Rui de Bivar*; mas se acaso lhe ajuntam o *dom*, emendam logo: *Dom Rodrigô de Bivar*.

Uma observação a mais. A forma contrata *são*, em vez da íntegra *santo*, usa-se antes dos nomes próprios de inicial consoante: *São Pedro, São Paulo*. A regra é, todavia, o seu tanto executada e a boa vernaculidade manda dizer, excepcionalmente: *Santo Cristo, Santo Tirso, e Santo Tomé*. Afirmei, no começo, que a diminuição do vocabúlo se operava pelo uso. É o fator fisiológico. Mas, em todos os atos humanos, convém não esquecer o fator psicológico, ora concorrente, ora retrocedente e contraditório com a ação fisiológica normal. Aqui, ao que parece, houve, senão concomitância, ao menos paralelismo da ação. O uso assíduo traz a familiaridade e é por sentimento de afecção familiar ou de desprezo que operamos a redução dos vocabúlos. Exemplos: *mano* do antigo hermano, *diagra*, contração popular de *diagraça*, *Portuga*, apelação irônica de Português.

Outras formas contratas existem, cujo emprêgo nenhuma dificuldade sugere. Tais são, além dos que foram mencionados, *mui, quão, des, recém*, correlativos a  *muito, quanto, desde, recente*.

## AFERESE E ARTIGO

JOÃO RIBEIRO,

As pessoas que estudam a gramática histórica das línguas romanas é familiar o exemplo curioso da afereza no vocabúlo francês *anspessade*, em português *anspessado*. Esse vocabúlo veio do italiano *lancia spessate* (lança quebrada). Os franceses transcreveram-no sem dúvida pela forma *lanspessade*; mais tarde, a ignorância popular, supondo ali a existência dum artigo (*lanspessado*), produziu a queda do l e criou a forma, hoje única, *anspessado*.

Côisa semelhante aconteceu em nosso língua, porém com mais inesperada complicação. No sentido da evolução histórica, o português conta duas sortes de artigos *lo, lu e e, a*. Os últimos sobreviveram aos primeiros.

Para mim, a melhor explicação da afereza do *o* e *a* iniciais, está no fato muito frequente do esquecimento etimológico e seguinte confusão daquelas letras com os artigos ainda vigentes. O povo diz não raro: um *oficial de justiça*, por supor que o *o* de *oficial* é um elemento separável, um artigo.

Só por análogo critério se acha a solução razoável das perdas amuadadas do *o* e *a* iniciais. Exemplos: (*bedega*) e *batica* em vez de *abedega*, *abotica* (latim *apoteca*) *bitacula* em vez de *abitacula* (*habricula* no latim) e *postema* em vez de *opostema*. Em relação ao artigo masculino, registramos: o forma *bispo*, talvez *obispo*, como ainda o é no castelhano, do latim *episcopus*; a forma antiga e masculina *cajom* em vez de *ocajom*, derivado de *occasionem*; e outras contestáveis, como *relógio*, de *orologie*.

A outra face do problema, naturalmente, contempla e versa sobre o caso dos artigos arcaizados: *lo, lu* etc.

O vocabúlo *eiva*, em meu conceito, sofreu transformação análoga às já mencionadas. *Eiva*, ao que me parece, deriva de *labia* (1), e é forma divergente em relação a *laivo*: *eiva* de corrupção, *laivo* de corrupção.

A forma antiga deveria ser *leivo*, mas como já existia o homônimo *leivo*, de *glebo*, efetuou-se a desaparição da letra inicial que se confundiu com o artigo (*leivo*).

O vocabúlo *ença*, com significado de animal, também passou pela mesma sorte. Veio do italiano *lanza* (*lincaem*, lat.) e devendo ser transcrito na forma *lança*, perdeu o l inicial (*lança*) por se supor erroneamente que era o artigo.

Ainda há outros exemplos dignos de nota: *gume* por *egume* (acumen) *azul* por *lazul* (do pérsico *lazurd*). Inversamente o número frequente de formas arcaicas com o artigo el deu feição arcaica a muitas palavras que eram latinas e por isso ocorrem formas antigas como *alesteres, ateges*, etc.

A cultura filológica está hoje tão vulgarizada, que a ninguém é fazer bons ofícios entrar em minuciosidades que não ilustrem e antes fatigam o ânimo. Assim, deixo de citar, quando ocorrer, as formas etimológicas, as leis fonéticas que possibilitam ou autorizam a derivação.

## OBSERVAÇÃO CRÍTICA ÀS NOTAS FILOLÓGICAS

(Artigo de Pacheco Júnior) (2)

— I —

Lê as *Notas filológicas* publicadas neste sempre semanário (*a Semana*) pelo Sr. João Ribeiro.

De feito, as palavras de emprêgo vulgaríssimo são as que também mais depressa se gastam: — *bela, grande, cento, senhor, dona, frade*... contraíram-se regularmente em *bel, grão, grã, cem, seu, nhô, dono, frei*...

Não há fugir às fricções do tempo e aos seus inevitáveis detrimientos.

Essa tendência para o atrofiamento dos vocabúlos dá-se, outrossim, com os nomes próprios — *Zé, Men, Chico, Rui, Vaz*... e estende-se precisamente às locuções, cujos elementos justapostos fundem-se por fim, constituindo um simples sinal unitário: — *capeneola*, etc. ... É o lei do menor esforço.

Diz, porém, o nosso filólogo, e aqui é que bate o ponto — "os espiritos anti-científicos consideram malvadamente como erro as formas *mal raio* e *mal criação*, pois que a forma *mal* ainda hoje vive no castelhano, é contrata do antigo adj. *malo*, e é análoga à forma *bel* ainda na expressão a *belprezer*". "É pois ignorância ou abusiva insubordinação aos fatos da linguagem — acrescenta S. S. — o emprêgo das locuções *má criação, mau raio*".

Pego licença ao meu ilustre colega para já daqui me ir alistando no tal batalhão de boçais ou refratários aos acrobatismas etimológicos.

Não vá porém sem justificação a minha discordância.

*Malo* era adj. e forma divergente do *mau*.

Só dele conservamos vestígio na expressão popular — *comprar o olho, alta e mala*, e no célebre herói dos contos infantis — *Pedro Malas Artes*.

Havia, porém, desde os primeiras épocas da língua, o adverbio *mal* — apenas, não bem, imperfeitamente, a vulto, etc. (3) Esta partícula é ainda elemento de derivação popular, e entrou na formação de *malcriado* donde *malcriação*, como também no de *mal inclinado, mal intencionado, mal encarado, — humorado, — agradecido, — enjogado*, etc. ... Dizemos, é certa, — *BEM criado*; mas — *BOA criação*, e ainda *má inclinação, má intenção*, etc.

Cp. — *mal grande e mau grado, o mal meu grado, mal e meu grado, o meu mal grado e mau meu grado e mau grado meu*. Idem *grato e grado, ombos* — lat. ADJ. — *gratus*.

Porque devemos, pois, condenar *má criação*, sob pena de perdermos os nossos direitos à modestíssima classificação entre os filólogos subalternos?

Não encontrei nas minhas exumações filológicas a forma *mala criação*; mas quando com ela já tivesse topado de olhos, não era logo razão bastante para mudar de opinião.

Supnhamos todavia ser essa a verdadeira origem; acreditemos que *mal criação* não é um desses disparates aleitados pela ignorância popular. Que importa?

*Malo* perdeu-se na voragem do arcaísmo; e a sua forma contrata *mal* confundiu-se com o adverbio homógrafo e homófono; o pseudo solocismo escorchava a timpano dos anti-científicos; substituíram a expressão *mal criação* por outro de muito bom cunho português, e de criação análoga — *má criação*, o qual vai levando de vencido a sua concorrente.

O fato não é novo em linguística, nem extraordinário aos que estudam a mutabilidade do México.

Como S. S. a lista de todos os adjetivos formados com a partícula *mal*; encontrará sempre a substantiva correspondente formada com o adj. *mau, má*:

- mal falante* — *más falas*.
- *fazejo* — *má ação, mau feito*.
- *agasalhado* — *mau agasalho*.
- *acondiicionado* — *má condição*.
- *humorada* — *maus humores*, etc., etc.

Diziam também os antigos *meleventura* e *malentada*; mas hoje só se emprégam as formas análogas *mé ventura* (desde o séc. XVII) e *má entrada*. Aqui o l mais representa letra de intencalção eufônica do que detrito etimológico.

Em *malestancia* e *malentancia* é que mais nos pareceria o primeiro elemento derivado do adj. arcaico do que em *malcriação*.

*Maledicência, malfício, malfeteir, melevalência, malicia, maldição*... são todos de origem latina, em rota descendência; e estão, por consequência, fora da questão.

Em *maldição* p. ex. (lat. *maledictionem*), o povo perdeu a noção do 2.º elemento, que conserva viva em *malcriação*.

*Malfeteirio* deriva de *malfeteir*; *maldado* é forma concorrente de *malignidade* (lat. *malignitatem*).

Entendo, pois — fim de razões — que pedamos e devemos dizer *má criação*, sem receio de que nos qualifiquem de ignorantes, ainda quando se nos prave houve a forma completa *MALA criação*.

Quanto a *mal'raio*, sim, era essa o formô do velho e enérgica praga portuguesa. Todavia os nossos sertanejos (fiteiros de eito, cangalheiros, etc.), dizem *mau raio te parte*, ao passo que os portugueses (é claro que só me refiro aos bôlbônios e analfabets) transformam corrosivamente a imprecação em *má raio te parte*.

No dobrar dos anos é possível que algum etimólogo alemão, desentranhando do vocabulário popular português a carcomida expressão imprecativa, declare, no aprumo da petulância científica, que, no século XVI, *raio* era do generô feminino.

Em remate. As *Notas filológicas* têm merecimento, como todos os escritos do Sr. João Ribeiro, a quem envio um aperto de mão, fazendo votos para que não se lhe peguem os viciês.

# PACHECO JUNIOR

ditórios de alguns dos nossos gramáticos, que não obstante, inculcam-se pataratamente filólogos da gema e cheios de desejos proliferadores.

PACHECO JUNIOR

## RESPOSTA A PACHECO JUNIOR — (4)

Devo longa resposta ao professor Pacheco Júnior. Somos amigos e não creio que a filologia torne obtuso o agudíssimo angulo em que vivemos na vida extra-filológica.

Pacheco Júnior é escritor e excelente humorista. Ama a discussão, mas não sem a cambalhotada, o murro inglês, a epilepsia e a ginástica congênere. Entra na arena e logo espalha brasas, canta de galo, faz o diabo; mas, afinal, parlamenta e se entrega.

A crítica que, tomada a sério, é uma peça mecânica análoga ao excêntrico que só chega na ocasião oportuna, nêle é perene de princípio a fim, sem concessões, chistoso combate sem tréguas, de cabo a rabo, tumultuoso e tumultuário.

Os elementos de seu espírito não são suscetíveis de catálago, nem da mesma ordem alfabética. É confuso. Comete simultaneamente a fonologia e a prilha; cultiva com peregrino afeto a sintaxe e a anedota; e, como a filologia foi sempre cuidado de frades, jamais separa a gramática da *bernardice*.

Não quero com isso diminuir-lo; Pacheco Júnior é um homem ilustrado e engraçadíssimo, mas sacrifica tudo ao riso.

Felizmente, já lhe conheço as manhas de duênde e as partes de alma penada com que, a horas mortas, faz medo à vizinhança.

Pede-me o ilustrado professor a documentação da forma *mal criação*, para que seja admissível a forma *malcriação*. É a primeira vez que vejo tão disparatada teoria sustentada por um filólogo ilustre. Conclui-se daí que todos os compostos, a melhor porção dêles, são contestáveis e duvidosas, porque jamais foram encontrados em justaposição separada. Segundo essa teoria, de *caricatura*, *capencelo*, *com homens*, *recamnacidos*, *São Paulo* ... e onde vou eu? só deixarão de ser contestáveis quando a fortuna deparar-nos documentos onde venham consignadas as locuções *capa em colo*, *canta homens*, *recentemente nascidos* ...

Eis aí um bom exemplo de filologia picaresca.

Creio que a futura Gramática do ilustre professor há de ficar com a lista de compostos pontuada de cautelosas interrogações, e já daqui a espera, apercebido das minhas *acrobáticas* e japonesas habilidades.

Mas, não. Venha o filólogo, não por mestre, mas por simples companheiro: venha e trabalharemos juntos.

Não fique zangado e nem há para quê. Críticos não escasseiam. Há por aí muito alheiro de obras. O que falta é gente de serviço.

Elegante, pressuroso e, como o herói de João de Barros, *tão apercebido da louçalha que parecia ir e uma voador*, veio Pacheco Júnior, além de razoada crítica, dar-me conselhos sobre uns certos vícios de gramática.

Não sou avesso às novidades, aos neologismos, galicismos etc., e hei de explicar-me devidamente no correr destas minhas despreziosas observações. Mas certo, horriça-me o mau emprego dos vocábulos.

Para não ir muito longe, depara-me o artigo do ilustre filólogo duas locuções, contra as quais não deixo de protestar. E são elas: vícios *redibitórios* e o *tempo e seus detrimetos*.

Direi muito leve e rapidamente dessas imperfeições — porque outro é o meu escopo e quase estou aqui para defender-me mais do que para acusar.

Sempre ouvi que a redibitória é um ato de virtude, que tanto é desmanchar a fraude e repor a injustiça. Não posso, pois, compreender o que seja *vício redibitório*, pela simples razão de que ignoro o que seja a *virtude dos tratantes*. (5)

Por outra parte, em meu conceito, *detrimeto* é um dano que se sofre e jamais o dano que se faz sofrer ou que se causa. Consequentemente, é costume dizer-se: o *detrimeto da justiça*, o *detrimeto da saúde pública*, e nunca jamais o *detrimeto do assassino* ou o *detrimeto dos vinhos*

*falsificados*. Parece, pois, averiguado que o detrimeto se diz do paciente, e jamais do causador.

Ora, não consta que o tempo seja suscetível de danos, e antes tenho visto que os produz a todo o instante e sobre todas as coisas. O que quer dizer, portanto, "o tempo e seus detrimetos"?

Mas, o que vai dito é accessório.

Entremos na questão principal.

Pacheco Júnior combateu o meu estudo sobre o vocábulo *malcriação*, sob dois aspectos particulares: a etimologia e o uso.

1.ª questão. A etimologia.

Pacheco Júnior não tem sobre a etimologia do vocábulo *idéia* definida. A princípio, enxerga no elemento *mal* um advérbio:

"Esta partícula (*mal*) é ainda elemento de derivação popular, e entrou na formação de *malcriado*, donde *malcriação*".

Três parágrafos adiante, o emérito professor admite a minha etimologia (que considera *mal* um adjetivo contrato), pondo, todavia, a condição de que "a forma *contra* confundiu-se com a advérbio *homófono*".

Se me faltassem as forças, eu poderia gritar: *tollitur questio!*

Eu afirmo que *mal* é um adjetivo contrato. O meu crítico está de acôrdo. O que tenho mais com as subsequentes confusões de categorias, sobre as quais nenhuma palavra articulei?

Mas a verdade é que tal confusão não houve.

Para estudar a etimologia de um vocábulo, só há, que eu saiba, dois métodos. Um, fisiológico, que procura a derivação pelas leis fonéticas; outro, psicológico, que explica a derivação por analogia de outras formas.

É intuitivo que nenhuma lei fonética pode tirar o vocábulo *má criação* de *malcriação*. Creio que a mesma Pacheco, que tem horror ao "ocrobatismo", jamais assinalou tão extravagante filiação.

Segue-se, portanto, que *malcriação* só poderia vir de *malcriado* por analogia.

Ora, isto é uma falsidade. A analogia representa a vitória da regra sobre as exceções; a analogia é a tendência originada no poder do maior número. De sorte que é palpável absurdo admitir analogia para um caso único. O que significa uniformar uma forma? Acaso não será, para o professor Pacheco, uma forma já por si sozinha *uniforme*?

Com efeito, em todos os exemplos que o próprio filólogo enumera e nos mais que possa enumerar, vê-se que o advérbio *mal* do adjetivo composto desaparece no substantivo.

mal falante ... mas falas  
mal fazejo ... mau feito  
etc., etc.

Logo, não existem elementos para a analogia. Logo, *malcriação* não vem de *malcriado*.

## 2.ª questão. O uso.

A opinião do erudito glotólogo fica resumida na seguinte frase:

"Entendo, pois — fim de razões — que podemos e devemos dizer *má criação*".

Deixando, em primeiro lugar, a questão de *pod.* e de *dever*, inquiramos desde já o que é que realmente se diz. A análise depara-me duas formas.

mal criação —  
má criação.

A primeira é popular e necessariamente mais antiga. Como os letrados formaram a segunda?

É o que vamos estudar.

Os doutos colheram da boca do povo a forma *malcriação* e raciocinaram: *mal* é substantivo ou advérbio; em qualquer dos casos, *malcriação* é um solecismo horrroso; substituamo-lo pelo dizer correto: *má criação*.

Ora, os doutos apenas não se lembraram de acender a lanterna.

Sim, meu caro professor, os doutos não cogitaram de formas *contratas*, por uma razão muito simples: não as conheciam. Os doutos ignoravam que *mal* não só é substantivo e advérbio, mas até um adjetivo truncado, em várias línguas romanas.

*MAL* é *un adjectif*, diz Littré no seu dicionário, e ainda se conserva em *malheur*, *malaise* e muitos outros nomes.

Não só no francês, no italiano e castelhano *mal* é um adjetivo contrato, di-lo a Academia de Madrid, di-lo a Cruxa nos seus vocabulários: *mal cabelo*, *mal cavalo*.

É um fato românico e sem contestação.

Deram aos doutos um problema difícil. Eles, os doutos, resolveram-no de boa fé, mas erradamente; consideraram apenas duas condições: o caso do advérbio e do substantivo; mas a verdadeira é que a solução exigia a presença de terceira condição, o caso do adjetivo.

Tal qual em álgebra, o mais mesquinho termo condicional pode limitar à unidade um número infinito de soluções de um problema indeterminado.

Soubessem os doutos do obscuro adjetivo *mal*, e já não fariam alarde da lógica a que precipites recorreram.

Aí está porque é má conselheira de filólogos a velha e imorredoura lógica.

Olhe: quando fizemos a nossa independência política, o Uruguai pertencia-nos e desde então correu montes e vales a tão patriótica quão inchada e formidolosa *chapa: do Amazonas ao Prata*.

Hoje, que já não possuímos a província Cisplatina, estou vendo que atrilíbrio filólogo, dês-se que caçam a casso e a espingarda, virá gritando: diga-se *dora* avante. **Do Amazonas ao erro Chai!!!**

E, creia-me, será mais pitoresca... e muito mais lógica.

Nem sempre se pode restituir a vista a um homem que cegou.

Glotólogo tanto que chegou a reformista, deu-lhe a peste e está mais ou menos perdido.

Logo de começo, notei que Pacheco Júnior não tinha exata noção de formas *contratas*. As forma integras não diferem das demais por modificação dos elementos fonéticos; a diferença consiste na omissão de alguns dêstes elementos.

É, portanto, um erro de Pacheco dizer que *frei* é *contração de frade*. Muito diversamente, *frei* é *contração de freire*. Os antigos diziam: *Ordem de freires*, e os dicionários indicam vários exemplos.

Para concluir. Em tôda a minha humildade, não deixei de notar a imodéstia com que Pacheco Júnior me oferece o rapê gratuito de seus conselhos.

Não quero ser seu agradado, nem seu rendeiro; não posso levar os meus produtos para beneficiá-los em sua aperfeiçoada engenhoca. Tenho, felizmente, terreno próprio e, quando Deus dá, lavro e colho por minha *conta e risco*. (6)

## RABISCAS FILOLÓGICAS

(novo artigo de Pacheco Junior)

Será este, dora em diante, o título dos meus artigos referentes às *Notas filológicas* do meu bem doutrinado amigo, o Sr. João Ribeiro, a quem não deve o meu escrito do dia 26 ter amuado amigo.

Seguro de que esta nossa cavaqueação não nos fará desdar laços de estima, tanto mais que nestas discussões nunca miro ao escopo de cremar os créditos dos meus confrades ou desvalorizá-los o mérito das produções, continuarei a publicar, com desvaioedecidamente as minhas *rabiscas*.

No último número de *A Semana*, refere-se o Sr. J. Ribeiro à aférese do *l, o, a*, "cuja melhor explicação — em seu entender — é o esquecimento etimológico, e seguinte confusão daquelas letras com os artigos vigentes". "Assim é — continua S. S. — que o povo diz *não raro* — um *fiel de justiça* por supor que o e de *oficial* é um elemento separável, um *artigg*".

Dessas modificações acidentais do sistema fonético, já tratei em o meu trabalho sobre fonologia, impresso há 10 anos, e que, por esgotada a edição, é fonte onde vão beber a largas haustas alguns professores, que dela extraem as suas lições com probidade literária muito... equivocada, pois nem citam o nome do autor onde toram buscar a modesta bogagem científica sobre as equivalências e permutas dos sons, as modificações acidentais, etc., e às vezes... o único latim que sabem. Quando vejo escrito na capa de rosto dos cadernos de alguns alunos de português — *Pastilhas de fonologia do professor X.*, rio-me de sa pavonada, e não tenho coragem para desgrudar as penas à triste e negra gralha catadrótica, (Continua no pág. seguinte)

## POLEMICA DE JOAO RIBEIRO COM

(continuação da p. 40 anterior)  
expandiu-a em pleurismo do escândalo de **es-**  
**tantado**. (7)

Mas venhamos ao caso.

Da aférese temos numerosíssimos exemplos nas línguas românicas: a do *l*, porém, é muito rara em português (**lycem, lança, enca**).

O Sr. J. Ribeiro atribue a queda do *l* inicial, nestes casos, à confusão com o artigo, e dessa opinião é também Frederico Diez. Não sou o contrário com ele; e aqui o advirto que a prótese é muito mais frequente que a aférese, principalmente na francês antiga e na provençal. Na português o eprotético é muito vulgar: — **abarco, alcatraz, almembrança, acreador, avoar, apapar, (p. parer), atormentar, aconselhar**... E em grande número destes verbos o *e* protético não corresponde à partícula **ad**.

Também não é pequeno o número de vocabulos em que o sílaba inicial *a*, **al** represento o artigo árabe — **alfândega, alfaras, alcáve, aldeia, assucar**, (8) **abricoto**... Aqui foi a ignorância popular que, não distinguindo o artigo do palavra transmitida de ouvida, soldou-os por fim.

Tenho de mim para mim que o comum do povo aféresando ou proteseando os vocabulos, procede sempre muito inconscientemente; muito sem culpa e sem ciência da origem das palavras.

De feito, elle não cogito nessas pequiñhas de artigos e preposições; nunca por seus escaninhos encéfalicos passaram, de longe sequer, tais distincções gramaticais. O vulto corrompe, estrago, sem consciência; só procura empregar menos esforço na pronúncia, já **comendo sílabas**, já trocando letras, já ainda acrescentando alguma que mais lhe facilita a pronúncia.

Em **um fiscal** (exemplo citado pelo Sr. João Ribeiro), o povo, assim pronunciando, jamais se lembrou de rejeitar o *e* de **fiscal** por supralongo. A rapidez da pronúncia, o preguiço, eis a verdadeiro origem desso aférese.

Nestes casos em que as palavras se juntam na pronúncia, formando um composto, deve atender-se ao acento chamado arrotório. E' elle que muitas vezes nos explica esses atrofiaamentos.

Também o Sr. Adolfo Coelho escreveu: — "o sílaba e ou *l* inicial de muitas palavras é mudado frequentemente em **en, in**, pelo povo, por a supor a preposição **in** corrompida" e mais adiante: — "a etimologia popular toma pela preposição a que não é, e, separando a parte da palavra que julga tal, produz formas como as seguintes: — **beira e ribeira, pasmo e esposmo, namorar e enamorar**".

Pois o povo, o povo daquelas épocas, conhecia o valor das preposições latinas, e corrompia as palavras que aprendia de ouvido, com a mesma facilidade e ciência com que os eruditos formam as da lingua clássica?!

E' o caso de exclamar-se — **hom'esso!**...

P. S. — Escreva estas **rabices** muito de corrido, sem individualização, amenizando a aridez do assunto, porque são artigos que vivem tanto quanto as rosas de Malherbe.

Desde já declaro, porém, e com muita satisfação, que o sábio quanto modesto prof. Lameira é de minha opinião quando à **mácriação**. Assim pronuncia o illustre mestre e ensina aos seus alunos. Outrosim, pela que conversamos, o seu parecer coincide com o meu acima exposto, referente à aférese de *l* e *a*.

O Dr. Alfredo Gomes um dos jovens mais bem preparados em filologia portuguesa, está também de acôrdo comigo. (P. S. de Pacheco Júnior).

## RESPOSTA A PACHECO JUNIOR

O professor Pacheco Júnior combatu a explicação que proponho dos amudados aféreses de *e* e *a* e da letra *l* no português.

O illustre filólogo não acho plausível que o povo confundisse os elementos literais com os artigos, porque o povo não tem consciência, nem se occupa de distincções gramaticais.

A aférese explicar-se-ia pelo **preguiço**.

Respondo:

De todos os compêndios de **fonologia** sobre a lingua portugueza, consegui arrecodar 14 exemplos de aférese: **vepa, betarda, meca, malvarosa, pestano, betico-bedejo, letria, tomado, bitáculo,**

**seneca**. Total: 11 exemplos de nomes femininos. (9)

Aférese da letra *a* em nomes masculinos há apenas 3: — **gomil, dulterio e guma**.

Note-se que, destes três, o primeiro, também da forma **ogomil**, é um composto cujo primeiro elemento (**égua**) é um nome feminino. Note-se ainda que o último, **guma**, tanto pode vir do **acumem**, como de **cuma** e com maior probabilidade do espécime bárbaro.

Assim, quanto a o professor P. Junior explicar o aférese do *a* pela lei do preguiço, pode illustrar a sua explicação com esta nota: **a preguiço é sobretudo simpático ás formas femininas**.

O emérito glotólogo é vítima de confusão de preposição e artigos operada pelo povo, que desconhece as distincções gramaticais.

Acho, pelo contrário, que é justamente pela ignorância popular que se dão os erros que assinalo. Se o povo conhecesse as pequiñhas de "gramaticão", certa não imaginaria a existência de um artigo onde nunca existiu artigo e apenas parte integrante do palavra.

E' um engano supor que o povo desconhece os fatos científicos por não ter a ciência apurada dos doutos.

O povo confunde uma **ciencia** do fígado com uma **hepatite**, e, coisa singular! sem saber grego, nem medicina. A razão é que o povo confunde os fatos, muito embora ignore a tecnologia científica; se culpa há, é das doutores que aprendem a distinguir e a pôr nomes bárbaros.

Segundo aquella estranha teoria, o número dos que tomam **gato por lebre** vai diminuir consideravelmente desde que se lhe exija suficiente dose de zoologia para tomar o **felis domesticus** pelo **lepus timidus**.

Fique pois, estabelecido que o povo pode confundir artigos e preposições, sem saber gramática e até por não sabê-la com excessivo apuro.

E tanto assim é, que os aféreses ou supressões da letra inicial *são*, no **quase totalidade**, do *a*, e do *e*: **betico, cajon** (ocasião) **biapo** (por bispo, como no esp.) **xofrange** (ossifrange).

Embora o povo ignore as distincções gramaticais, antes que a gramatica existisse já usava os artigos etc.

Não são, pois, supressões arbitrarias, como seriam se de fato se explicitassem pela **preguiço** ou **menor esforço** — pois é claro que não são as letras *a* e *e* que costumam maior esforço que outras quaisquer.

Pacheco Júnior não admite que a aférese em **lança e leiva** resultasse de confusão do elemento inicial com o artigo *la*, *l*.

Ofereço à consideração do illustre professor as seguintes fatos.

A aférese de consoante é rara. O mais comum é a aférese de **vogal** ou de **sílaba**.

Eis os dois únicos casos de aférese de consoante.

1.º — Dificuldade prosódica. Nos grupos **ptx, sp, etc.** houve aférese que facilitou a pronúncia: **salmo, saltério, tísica, poema**, etc. Tanto a eufonia foi necessária, que acidentalmente affirmou-se pela prótese: **escrever, estilo, espasmo**, no esp. **escena**, etc. Por analogia e confusão de **de** e **ex**, explicam-se os antigos **formas esflorar e destflorar; espedir e despedir**.

2.º — Caso da aférese do *l*.

Entre todos os elementos alfabéticos consoantes, foi este o único que sofreu a aférese, e mais é uma letra de pronúncia fácil (10)

Pacheco Júnior explica a aférese do *l* pela preguiço, sempre singular em suas preferências. Explica-a pela confusão do elemento literal com o artigo; a minha explicação é mais simples e não obriga o **preguiço** a manifestar-se apenas com as letras *a*, e ou *l*, que se confundem com o artigo **antigo ou moderno** . . . . .

Já demonstrei que o povo, sem saber gramática, patologia ou botânica, confunde palavras, doenças e plantas; e que é uma ilusão tomar a tecnologia abstracta pelos fatos concretos.

No francês sempre se disse que o povo apurou a prótese do *l* em **lierre** e a aférese em **maissade**. Vem o professor Pacheco Júnior e destrói toda a filologia francesa (que o minha nota vale) com o invernal argumento de que o povo

não cogita destas pequiñhas de artigos e de preposições.

O tom anecdótico e facetoso de minha resposta não esconde intenção alguma contra o meu valente adversário.

Estar em desacôrdo com o eminente glotólogo não deixa de ser ocasião de **môgo** e **desolento**. Mas eu não posso ajuntar-me com outros para ter conselho sobre os meus erros. Deve haver por aí quem concorde comigo, mas não lhe mando tipografar o nome.

Já não é pequenina honra o de lutar com Pacheco Júnior, incontestavelmente um dos maiores autoridades em filologia portugueza.

## ÚLTIMO ARTIGO DE PACHECO JUNIOR

A leitura do último artigo do Sr. João Ribeiro causou-me posmo sobre indignações, e bem assim aos seus próprios amigos (os verdadeiros).

No que escrevi (11) haverá destemperos de ignorância; mas desafio quem quer que seja e que aponte um dito acintoso, uma simples descoartesia com referência a S. S. Neste semanário já por duas vezes encareci-lhe merecimento, sempre falei de S. S. como benemerito de sincera estima e consideração.

O Sr. João Ribeiro, porém, respondeu-me desafora e muito chanfreto de garoto. Não e acompanharei neste terreno: repugno-me ter por armas com adversário que se apresenta em público arremangado e com sombrosos de chonchuto.

Sei, é hoje sestro nos discussões pela imprensa, fazer descer o estilo ao colão de bordel ou de rascão; conheço o prolóquio — **esqueci esqueci**; sei como se pagam essas dividas em moeda de descompostura e epitetos canthas. Tardavia, não acompanharei o meu amigo Ribeiro por esso alfurjo dentro.

Sempre tive para mim que a imprensa pode ser espadajoura dos nossos estultificos, mas nunca sentina pública, onde cada um pode vir muito sem cerimônia vomitar a sua atro bilis. Sempre desaprovei esses guerras civis pouco civis.

E' pois com luva de pelica de três botões que me dirijo ao meu emérito adversário.

Censura S. S. o eu entresacchar todas festivas no contexto de artigos filológicos. Se encrevi **dentibus albis**, não há nissa motivo para reparo, outros há que adubam notas científicas com desaforos e facécias sinceramente largas: **Questão de gosto, educação, temperamento, hereditariedade, lactação**...

"A seriedade é uma doença — disse a meu amigo e mestre V. de Corrêa Borelha —, e o mais sério dos animais é o burro". Ninguém tira, nem com afagos nem com a chibata, aquele semblante caído de môgos recônditas que enrolam no seu peito. Há nela a linha, o perfil de sábio refugiado no concurso ao magistério..." etc.

Mais:

A **Semana** não é um jornal puramente científico; os artigos do Sr. João Ribeiro não tinham importância alguma para o nosso grupo, nem mesmo para aquêles que só houvessem viajado uns dois meses, — e ainda mesmo é escoteira — pelas campos da nossa filologia. Para eles, como para nós, essas notas eram velharias com ranço parentético: é claro, pois, que S. S. escreveu para os ignorantes, e daí o tom catadístico das **netas**, e o de festa dos **rabices**, no intuito de amenizar a sensoria do assunto.

Se sou "excelente humorista", o Sr. João Ribeiro também é facetissimo. Não pithereia S. S. quando diz com seriedade — que no caso contrário deveria ser considerada patológica — que Pacheco Júnior desconhece o que sejam **formas contratas**, etc., etc., etc.? Certo que sim, e muito nissa dessa facécia. Tem muito espirito o Sr. João Ribeiro.

Sei, porém, escrever em estilo sempre ef-

# PACHECO JUNIOR

velho e grave, e disso hei dado sobejas provas na *Gazeta de Notícias*, no *O Cruzeiro*, na *Revista Brasileira*, na *Imprensa Industrial*, na *Instrução Pública*, neste hebdomadário, etc. . . . além de livros e folhetos, que sobre vários assuntos tenho publicado.

Peço perdão ao leitor por este arranque da minha natural e costumada modéstia; mas sou obrigado a esta pátua ostentação pelo Sr. João Ribeiro que me inculca como simples **olheiro de abras**, a não como homem de trabalho.

E bastava-me a glória de ter sido o iniciador destes estudos no Brasil; de ter levantado os concursos de línguas no colégio D. Pedro II, ao ponto em que ora estão, do que poderia dar testemunho S. M. o Imperador (12).

Entreí nesta discussão muito alegre porque esperava ser recebido agradadamente pelo Sr. João Ribeiro; mas não lhe dei o direito de bradar com Juvenal — **ecce iterum Crispinus**, tanto mais que S. S. argumento com má fé, muito manifesta para os que entendem destes estudos. Converse S. S. com os mestres, e verá que todos são acordos em que a razão está do meu lado em ambas as questões filológicas, e que S. S. — ora se não declarar vencido — está agora fazendo **filologia de salão**.

Pues si esto no la acomoda, vamos a fejanas tierras, a ejercer otra oficina de otra más brillante esfera, pregonando por las calles: — **Quien quiere emelar tijeras?**

### Et in Arcadia ego! . . .

Diz o meu amigo que já estou cego e sem cura (não sei onde ele farejou essa cequeira incurável), e mais ou menos perdido para as letras. S. S. não está nestas tristes condições, mercê de Deus; mas eu podia supô-lo saltado de oftalmia purulenta, pois tão mal desletrou o que escrevi, adulterando alguns trechos de modo muito . . . muito feio.

Eu não lhe pedi documentação da fama **mala criação**; mas fiqui S. S. sabendo que tinha o direito de exigí-la. Sabia, muito antes de S. S. encetar estes estudos . . . Mas para que perder tempo? Vamos adiante.

Foi ainda a oftalmia — pois não posso acreditar fosse má fé — que fez com que o nobre amigo lesse no meu artigo aceitava eu parvoamente duas opiniões etimológicas. O Sr. João Ribeiro não entendeu o que leu, como ele próprio já me confessou, em presença de três confrades.

O meu amigo João Ribeiro passou-me diploma de ignorante; e, depois de convidar-me para trabalhar juntamente com ele, não como mestre, mas como simples companheiro, renata o seu artigo dizendo que não quer ser o meu agregado, nem meu rendeiro; não pode trazer os seus produtos para beneficiá-los em minha aperfeiçoada engenhoca. Tem felizmente terreno **próprio**, que lava e colhe por **suas contas e risco**. **Lavar terreno, compreende-se: mas colher terreno!** . . . O que vale é ser por sua conta e risco (13).

Não me incomodam essas fatuidades, nem a ameaça de quem tão cedo se inventa mestre para corrigir a minha gramática histórica.

Ao passo que o Sr. J. Ribeiro assim se me apresenta no aprumo de um Bopp, Grimm, Ascoli ou Gaston Paris, o seu mestre o Sr. Lameira de Andrade, aquêle que — como escrevi há meses —, mais nos merece sinceras curvaturas da espinha, convidou-me para escrevermos de mão comum um trabalho de fôlego sobre a língua portuguesa, e outro de somenos importância.

gar com essas crianças povoneadas com farrapos de filologia.

os estregos da artilharia, os antigos dizem: — os estregos com a artilharia.

### Jus et norma loquendi

Ora confesse o leitor, que ou o meu amigo é trocista de uma cana só, ou os tais Larousses, Robins, Villemonts, Littrés, Morais, etc. . . . são uns grandes parvos.

Tanto me não zanguei com o meu amigo João Ribeiro, que, muito antes de sair publicado o seu artigo, dêle me fiz pregoeiro e pedi aos colegas, alunos, amigos e conhecidos que comprassem **A Semana**. Era êsse o melhor meio de desafrontar-me da sua imerecida descompostura de palavras, que não considera todavia **casus belli**. De resto, não podemos tolher as irrupções dos vulcões, nem mesmo daqueles descobertos há pouco por um literato português.

Entreí nesta luta muito a mal do meu grão, nem fui eu o desafiante: mas espero que, se as minhas rabisças nos trouxeram desavindas, a antiga amizade — que eu supunha radicada — e o amor a filologia nos hão de meter em paz.

O meu amigo errou, quanto às questões filológicas; mas que muito, se o próprio Homero dormitou às vezes? Errou, afrontando-me sem razão: destemperos próprios da mocidade orgulhosa.

Foi uma trovada de verânico.

Demais, o Sr. João Ribeiro, perante três amigos comuns, deu-me uma explicação; mostrou-se sentido de haver resolvido em erro, pois eu não abri braço a tão intempestiva agressão; pediu-me continuação de amizade, e rasgadoamente estendeu-me a mão. Só me resta, pois, enviar-lhe por letra um amplexo, e, com êle o conselho de que não se deixe apoderar do domínio do orgulho, nem dominar o espírito pela intriga mesquinha e torpe.

S. S. está ainda no verdor dos anos; tem talento pujante e muita aplicação; não lhe será difícil subir à cumieada da glória, tornar-se expoente nos letras pátrias, mesmo sem o vezo de alguns contemporâneos, que, para se elevarem, ferem, esnecham, matam, casquinam, aquêles e daqueles que em tempo os precederam com trabalhos de mais ou menos preço, e ainda se esbofom nos estudos, só por amor da ciência, sem ressaibo de jactância, sem todo envaidecimento.

Continuando a estimá-lo, não mais virei à imprensa discutir com S. S.: — prefiro a amizade do Sr. João Ribeiro "a essa vaidade a que chamamos fama".

Devia, porém, esta resposta aos leitores d'**A Semana**.

Vade in pace.

PACHECO JUNIOR.

### PONTO FINAL (do autor)

Ao prolixo ponto final que o professor Pacheco Júnior pingou sobre as nossas questões filológicas, tenho que fazer duas retificações indispensáveis.

Vem a ser a primeira, que não lhe dei satisfação de **meus erros**. Dei-lh'a, inteira e cordial, de supostas ofensas, porque o encontrei alguns pesarosos e sentido.

A segunda é que, apesar de seu grande mérito, S. S. não foi o iniciador dos estudos filológicos no Brasil. E' coisa velha a filologia; e dos processos da moderna escola alemã já Carlos Hoffer em 1869 publicara entre nós um opusculo de mérito.

Com **alfurnes, chonquetos sambarcos, chonfretas** dignou-se S. S. poupar-me os caloridos paramentos do meu carnaval de pascoa. E foi muito melhor assim; eu sei que Pacheco Júnior está escrevendo um lexicon etimológico e outro analógico, e outro . . .

Estes elementos fazem-me a psicologia do homem. O ilustre professor não teve a intenção

(Conclui na pág. seguinte)

Completamente desorientado, foi além o meu nobre amigo, e teve o arrojo de insinuar, aos da sua igreja de louvaminheiros ignorantes, que eu nem mais português sei escrever. E para comprovar o asserto desenhacou dois vocábulos, que, com desplante própria da ignorância (15) diz haver empregado muito sem propriedade.

Podia bradar-lhe com o pintor grego: — **não poses o sapeteiro além da chisala**; mas limito-me a mandá-lo. . . . refer a sua tese do concurso.

Lê-se no artigo do Sr. J. Ribeiro:

"Não sou avesso às novidades, dos neologismos, galicismos, etc., e hei de explicar-me devidamente no correr destas minhas despretensiosas observações. Mas, certo, horroriza-me o mau emprego dos vocábulos.

"Para não ir muito longe, depara-me o artigo do ilustre filólogo duas locuções, contra as quais não deixo de protestar. E são elas: — **vícios redibitórios e o tempo e seus detrimientos**.

"Sempre ouvi que a **redibição** é um ato de virtude, que tanto é desmanchar a fraude e repor a injustiça. Não posso, pois, compreender o que seja **vício redibitório**, pela simples razão de que ignoro a que seja a **virtude dos tratantes**.

"Por outra parte, em meu conceito, **detrimento** é o dano que se sofre e jamais o dano que se faz sofrer ou que se causa. Consequentemente, é costume dizer-se o **detrimento da justiça, o detrimento da saúde pública e nunca jamais o detrimento de assalariado ou o detrimento dos vihos falsificados**. Poreco, pois, averiguado que o detrimento se diz do paciente, e jamais do causador.

"Ora, não consta que o tempo seja suscetível de danos, e antes tenho visto que os produz a todo o instante e sobre todas as coisas. O que quer dizer, portanto, "o tempo e seus detrimientos?"

Não acumularei exemplos em meu apôio: tanto mais que todas as pessoas com quem tenho conversado a este respeito (de seleta instrução e competência incontraditável), asseguram-me que isso é pilhéria. E' também o que eu creio, pois tenho ainda em muito o talento e fundo literário do meu jovem confrade.

Abra o leitor os dicionários de Robin, Littré (de medicinal), Larousse. . . — o leitor deve saber que êsses **tipos** não são aí quaisquer aprendizes filólogos —, e lerá: **cas, vices redibitórias**. Logo, pode-se dizer e deve-se dizer em certos casos — **vícios redibitórios**, frase que já é, muito velha (mas muito) **no nosso legislação**. Ainda há mais, meu caro João Ribeiro. Os médicos — por extensão de vocábulo — empregam o termo com referência às mulheres que, por um vício qualquer, não podem provoider. Foi nesse sentido que figuradamente empreguei-o, e com muito cabida.

Lê-se no dic. hist. e cient. do Dr. Villemont o propósito de esterilidade:

— **Les sept femmes ne présentaient ni maladies ni vices redibitórias**.

O Sr. João Ribeiro horrorizou-se mais com o emprego da palavra **detrimento**. Eu poderia respigar exemplos nos clássicos antigos e modernos para oferecê-los ao Cristóvão Colombo de alheias asneiras vernáculos; mas aqui só tenho à mão o dicionário de Morais, e nem vale a pena **gaster tanta cere com tão ruim defundo**, porque a censura não passa, no opinião geral, de uma guinada pândega. (16)

Vejamos todavia o que diz o nosso Morais: **DETRIMENTO**. . . o que o tempo, os águas, atritos etc., tiram e diminuem dos corpos inteiros; e **detrimento dos prédios COM o tempo**, etc. Mas o Sr. J. Ribeiro conhece com certeza, muito melhor do que eu, o vário emprego de **prep. de**, e deve saber que o tempo não sofre nas faz estregos, e que não obstante diz-se — e correctissimamente — **os estregos do tempo**. Hoje dizemos



DISSERTAÇÃO PARA O CONCURSO DA CADEIRA DE LITERATURA GERAL E LINGUA PORTUGUESA DO EXTERNATO DO IMPERIAL COLEGIO DE PEDRO II Pacheco Jun.

que apoderar-se de alheias idéias, reventilas, da sua individualidade, fecundá-las, engrandecê-las, — também é crime.

Uma das belezas deste poema, em nossa opinião, são os onomatopéicos versos que nele se encontram a cada passo: citaremos um exemplo ao acaso:

Che faccio udir tanti [metalli, Tanti tamburi, e tanti vari [suoni, Tanti anatriari in voce di [cavalli, Tanti gridi e tumulti, di [pedoni, Che risouare e pianti e monti [e valli, Dorean delle longuque [fregioni.

São belos modelos dos efeitos naturais, que só pela cadência indicam a imagem que pretendem pintar.

Se a Pietro de la Vigne coube a glória de ter sido o primeiro que escreveu em italiano, a Dante, a de ter feito dessa lingua russé, e dos dialectos existentes, uma lingua ástica, vigorosa, atilhoqua, pitoresca, dando-lhe com ardimento admirável vitalidade e permanência; a Petrarca, a de havê-la retocado, amenizado, purificado, imprimindo-lhe belezas particulares; a Boccaccio, a de havê-la popularizada, reventando com e' as suas ovelhas em prado; a Ariosto e a quem lhe teve por contemporâneo coube a de haver fixado a lingua italiana. A linguagem de Orlando ainda é hoje considerada perfeita, académica, clássica; a Jerusalém, e ainda as obras em prosa de Tasso, que também é considerado clássico, são escritas em magnífica lingua seculissima.

No século XV, filólogos, gramáticos e historiadores julgaram a lingua italiana dialecto por demais vulgar e impróprio para as composições filosóficas e científicas, e o latim, por antes uma lingua que se respeitava do entrançado grego, obteve de novo enxada e domínio. A essa circunstância, em nosso parecer, deve-se attribuir o languido desenvolvimento da litteratura durante um periodo em que as obras poéticas e soberanas da Itália tanto progrediam: as letras e artes, e em que o descobrimento da imprensa, a criação de universidades e bibliotecas publicas deviam forçosamente caminhar para o progresso intelectual. Com o Pai das Letras, Lourenço de Medicis, foi que conviveu essa lingua de melindras.

Mas voltamos para Ariosto o fim do discurso.

Entre outras razões que lhe são apontadas, avultam: 1.º Emprego frequente de imagens metafóricas, figuras desencaradas; 2.º Monólogos estranhos; 3.º Vacilar dos versos e acouros entre a trivialidade e a frieza; 4.º Exageração e mentira nos descreções dos seus heróicos, que se reduzem a fábulas e ficções;

5.º Cereza licenciosidade no escrever, o que, parece, deu origem à seguinte pergunta do cardenal d'Este com referência ao "Orlando furioso":

*Dove diavolo messer Lodovico avete pigliato tante coglierie?*

E' este poema menos natural e altissono que a *Iliada*, menos majestoso que a *Enéida*, e é de menos originalidade e ardimento que a *Comédia*, de Dante; mas, mesmo a despeito das transgressões da lei da critica, o seu poema é uma obra prima. Como nos dramas de Shakespeare, as suas muitas belezas subjugam a censura.

Os desluzes geralmente apontados a este expoente da litteratura italiana mas devem ser attribuidos ao gosto da época em que viveu. A sociedade é muitas vezes o algoz dos escritores; foi ella que fez com que Dryden, Boccage e tantos outros fingessem alimentar as paixões desgraçadas do vulgo, requintar nas exageradas hipérboles, nas imagens mentirosas, audácias estas que, certos, não constituem beleza.

Tem-se censurado a Ariosto o ter êle omitido no seu poema — espelho fiel da Itália no periodo em que viveu, — a intelligente república de Florença, antiga cidade livre, notável pelo seu génio nacional e pela plêiade numerosa de poetas, prosadores e artistas. Esta omissão lê-la êle muito de indústria, é um tato característico, e que acha explicação no proceder condemnado do duque de Ferrara, e na antipatia que o próprio autor do *Orlando* sentia pelos Medicis.

Não podemos deixar de consignar aqui que grande é a diferença entre as epopeias gaullesas de cavalaria e as italianas: e basta atender a que aquellas cantavam aos cavaleiros da Idade Média, estas os dos tempos de Machiavel. Ah! o amor é todo puro, platónico: aqui transforma-se em paixão ardente, que todavia não chega a transpor os umbraos do sensualismo, e a fidelidade aos juramentos em matéria de amor é coisa inútil, virtude desnecessária a cavaleiros.

O *Orlando furioso*, poema de difficil análise, contém três romances distintos.

O 1.º refere os amores de Orlando, descreve as torturas íntimas, o castigar das fibras uma a uma, o restar a custo de um peito que se vivia e desfilava, o conservar de idéias, o desgramento da razão.

E poi si squarcia 'i panni 'i petto e 'i tergo, E consociò la gran Jolita si forçada, Che della più non sarà mai [chi 'ntenda.

O monólogo do amante d'Angélica durante a luta tremenda entre a dor e a razão é de muito interesse:

Non son, non sono lo quel che [pajo in viso; Quel ch'era Orlando, è morto, [fed è sottora. La sua donna ingrattissima [l'ha ucciso . . . . . Ingrati studi, dal cui pondo [opresso, Giaccio ignoto ad altri, gra- [ve a me stesso.

O 2.º é o das batallas gerais ou combates singulares pelejados contra os infiéis. Os combates são bem trapalhados, o colorido bradante. Nesta grande tela que vemos desdobrar-se aos nossos olhos, tem papel importante a Discórdia, que excita os Sarracenos ao combate e salva os Cristãos.

O 3.º, de todos o de mais interesse pelo enredo, narra os amores de Rogério e Bradamante.

E como tudo isso é bello nesse ritmo que tão docemente nos embala, — a ottava rima! (1)

Muitos são os comentadores de Ariosto, mas — e o mesmo succedeu com o autor da *Odisseia cristã* e Tasso — na maior parte dêles avulta em sumo grau a parcialidade de censura com que o juizo se desvira. Nem sempre empunharam o facto da verdade, e em alguns ainda accrescia o desconhecimento do assunto que sentenciaram.

Para bem comprehendemos um autor, e preciso transportar-nos à época em que êle viveu. Como poderíamos entender a *Divina comedia* ou *Orlando*, se não soubermos dessas lutas políticas e das do espirito, ainda mais terríveis, desses fanatismos políticos, sedições, ódios e amargores da vida, dessa união fecunda da originalidade com o pensamento crustão que influencia na poesia e nas artes de Itália desde os tempos medievais; desse amor puro, entusiástico, mistico dos tempos da cavalaria, logo rejuvenescadora onde vão beber artistas e poetas; dessas grandes virtudes e dos grandes crimes, enfim?

Fixamos este marco miliário cedendo a palavra ao illustre, mas infeliz rival do Homero Ferrarense:

"Partendo dalle vestigie degli Antichi Scrittori e dalle regole d'Aristotele, è fatto e rifetto da tutte l'età, da tutti i sensi, note a tutte le lingue, ringiovanisce sempre nella sua fama, e sola glorioso per lo lingue de' mortali".

— III — T. TASSO

Tasso nasceu em Sorrento (Nápoles) aos 14 de Março de 1544. Aprendeu em Urbino e Pesara tudo quanto devia saber um cavalleiro perfeito de então, a *virtù cavalleresca*; mas seu pai Bernardo Tasso, — célebre pela imaginação italiana do *Amadis de Gaula*, — não pôde conseguir que êle concluisse os estudos universitários. Para quem a poesia

circunvoara no cérebro desde o verdor dos anos, devia de facto ser muito letoso o estudo das Pandectas, e computar dos digestos.

Ingrati studi, dal cui pondo [opresso, Giaccio ignoto ad altri, gra- [ve a me stesso.

A verdade é que, aos 17 anos de idade, êle deu à publicação o poema *Rinaldo*, que tornou desde logo celebrado o nome do *Tasso*. É um poema de cavalaria inspirado na leitura do *Amadis de Gaula* e do *Orlando*.

Em 1565, entrou o poeta para a casa do cardenal Laur d'Este, a quem havia dedicado o seu poema precoc; em 1573 escreveu a *Aminta*, comédia pastoril, representada na corte com muito aplauso, e que teve muitas imitações, entre as quais mais se sobrealta o *Pastor Fido*, de Guarini.

A *Aminta*, em que êle se representou no enamorado *Tirsi*, descobre todo o vigor de uma ardente imaginação e de uma alma apaixonada.

TIRSI  
Pace l'agna l'erbette, su l'opo [l'agne; Ma il crudo Amor di lagrime [si pace. Né se se mostra mai satollo.

AMINTA  
Ah! tasso! Ch'Amor satollo è del mio [pianto omai, E solo ha sete del mio san- [guc; e tosto Voglio ch'egli e quest'empia [fil sangue mio Bevan con gli occhi.

Os italianos ainda consideram esta pastoreia uma das melhores jóias do seu diadema litterário.

Escreveu também muitas *cortas e discursos*: aquellas povam quanto êle era escrupuloso no escrever; estes, que não carecia dos conselhos que pedia.

Em 1575, completou o poeta a obra que lhe vinha dar a *víspice immortalidade*, mas, na judiciosa frase de Macaulay, — *His subsequent fate shows that literary glory rests upon no surer basis than the accidental success of worldly ambition*.

A sua sinceridade religiosa, a cavalaria, a poesia, a glória do estu e o juizo critico das pásseras — dáram-lhe a *Jerusalém libertada*; mas já téiam os tempos de Lelio K, os tribunais inquisitoriais erguiam-se tremendo, a perda de novo a sua independência. *Ferò il collo torto, e cresceu o próprio Tasso no seu amigo Scaldaschio*.

Levando-o o seu não verdadeiramente católico a pégru em França a cruzada contra os heréticos, foi êle desistido da missão de que pelo papa Pio V fôra encarregado o cardeal, seu amc, junto ao rei Carlos IX. Tasso, para vol-

ver à Pátria, viu-se obrigado a estender a mão à caridade pública.

Foi ainda o seu zelo ortodoxo que fez com que êle sujeitasse a seu poema a uma comissão de critica litterária e de teologia, a qual tantas e tão estultas exigências lêr, que Tasso — cristão escrupuloso — teve de sacrificar muitas belezas d'arte no receio de incorrer na censura da Igreja.

Esta idéia que o assaltara e de continuo o perseguia, foi — na opinião de alguns — a origem da sua reclusão no hospital de *Sant'Ana* por espaço de 7 anos, onde Montaigne o encontrou em estado lastimoso (*en pitreux état, survivant à soy même*).

O verdadeiro motivo da sua loucura tem sido muito controverso, acreditando alguns escritores que nunca êle ensandecera, que os escritos dessa fase da sua vida não retham, nem de longe, desgramento da razão. Para estes a explicação dessa pretendida loucura encontra-se nos seus amores com as principessas de Ferrara — irmãs de Alonso II; episódios que não passam de tradições incertas e não merecem lê.

Os que são de opinião que as desventuras do poeta, e a sua prisão em um hospital de alienados, tiveram origem nesses amores, em que bases amentam os seus argumentos, quas as provas que apresentam?

O fato de êle representar-se a si no Olimpo e dar a Solorina as lurnas e gestos de Leonor; a sua canção que começa assim:

E certo il primo di che il bel [sereno. Della tua fonte agli occhi [miciè v'offere E vidi armato spaziarvi [l'Amore.

O vic em suas rimas rasas de uma vez o nome de Leonor, ainda que dissimulado:

E le mie rime [quanto Che son vili e neglette; se son [quanto Costei le onora col bel nome [santo.

Mas tudo isso não constitui provas: são meras suposições, que não merecem tê historica, e têm sido brillantemente contravertidas.

Mas tudo isso não constitui comentar e que o proceder do príncipe d'Este para com Tasso, — como bem observou Hallam — nunca diminui as credêdas que lhe attribuiram os historiadores, inclusive Gibbon e Muratori, como protetor das pátrias letras.

O Sr. Almeida Braga, numa poesia feita em honra de Tasso, assim se exprime, referindo-se a este fato:

Cantante, e num canto [perguste Um padrão onde puzeste [o nome de Alonso d'Este, Que o teu canto eternizou; Mas por quem rinhas cantado [Foste mal recompensado.

(Continua no pág. seguinte)

# ARIOSTO E TASSO

(Continuação da pág. anterior)  
Como um dardo envenenado,  
Foi como ele se pagou!

Sumiu-se o ingrato, e o olvido  
Foi por um livro vencido,  
Aonde desististe erguido  
Um padrão que poucos tem:  
Ah teu gênio respira,  
E em tributo à tua lira  
O mundo respecta e admira  
À tua Jerusalém!...

Enfim, a instâncias do príncipe de Mântua, Tasso foi posto em liberdade no ano de 1586.

Fugindo à sociedade, que lhe lançara no coração a descrença nos homens e nas glórias da terra, acolheu-se ao mosteiro do monte Ottevo, "pedosa recordação da guerra santa e do sepulcro do Cristo", onde escreveu a *Jerusalém conquistada*, pájido reflexo da sua primeira epopeia, no intuito de deixar bem expostos à luz da verdade certos pontos ortodoxos e históricos.

E d'angélico mon rancore  
Faccia quella face d'oggi

Consistiu, na trase de um dos seus comentadores, uma profissão de fé à sua obra poética (3)

Só o canto X tem algum valor.

Entre as obras deste *sábio frenético*, são ainda de notar uma coleção de *Rime*, a tragédia *Turismundo*, o poema *Le Lagrime di Maria*, *La Cossano* (em verso solto), *La Disperazione di Giuda*.

Tasso, como Dante, também conheceu o pão do estalo ovalado de lágrimas:

Tu proverai sì come se di sole  
La pane allura e com'è duro

La scendere, e il sale per l'atra scale.

... e éle próprio escreveu na sua minúscula canção ou ode ao rio Metauro:

In aspro esiglio e in dura  
Povertà crebbi in quasi sì  
[mesti errori]

Intempestivo senso ebbi agli  
[affanni]

Ch'anzi stagion matura  
L'acerbità c'è casi e de dolori  
In me rendè l'acerbità degli  
[anni]

Mas, na frase do poeta:

*Le courage vieillit, la gloire est immortelle*

e aqui têm cabida, com aplicação a Tasso, os versos de Carnelle:

La gloire est plus solide après  
[la calomnie,  
Et brille d'autant mieux  
[qu'elle s'en voit ternie.

Tasso, essa *evoluída do gênio italiano*, ia enfim receber o prêmio das suas glórias, — ser laureado: mas a morte saltou-o antes que a coroa que outrora servira a Petrarca lhe assombrasse a fronte (1595). Ele presentia que poucos dias de vida lhe restavam, e mais a consolava a idéia da morte do que o existêcia a de não poder receber tardias recompensas do mundo. *Se mi serbate una corona, serbatela per onorare la mia tomba.*

La gloire s'appelait, il arrive, [il succombe;

La palme qui l'attend devant [lui semble fuir,

Et son laurier tardif n'ombra-ge que sa tombe.

LAMARTINE

Receber, porém, a coroa da imortalidade.

A *Jerusalém libertada*, e esta é a obra em que mais ascende a glória de Tasso, é um poema épico destinado a cantar a Terra Santa, a libertação de Jerusalém, por God. de Bulhão.

Canto Farmi pietose, a'l  
[Capitano  
Che'il gran Sepolcro libero  
[di Cristo.

E' o historiador da Itália no declinar do século XVI, uma combinação do romântico e do clássico, de natureza híbrida, participando dos preceitos antigos que ée ameniza com as noções mais populares da religião, do amor e da cavalaria.

Apeçar de católico fervente, mistura as crenças, o platonismo cristão com o culto do antigo e o respeito ao heio.

Acompanhava o espírito da sociedade em que vivia; estas eram as idéias professadas pelos homens da corte e artistas, mas que "aos olhos dos rigoristas passavam por pagãs e lúpias".

Na opinião dos mais abalizados críticos, a *Jerusalém libertada* é um poema épico no sentido mais amplo da palavra nos tempos modernos.

O assunto é dos mais elevados e vastos, que ée entretém ainda, acrescentando com a variedade de episódios, mas sem dividi-los.

O seu estilo é claro, puro, harmonioso, sempre na altura do assunto; o colorido vigoroso, mormente nas comparações e descrições; os caracteres mais bem sustentados que os do *Orlando*, ao qual também mais se sobreleva no encadeamento natural das idéias.

Na pintura dos caracteres, muito se encostou a Homero. Rinaldo é o seu Aquiles, heróico, apusonado, vingativo, mas timbrando sempre em se não apartar do caminho da honra.

O assunto é sublime; a época favorecia-o, que a imaginação pública ainda se exaltava ao ouvir contar os altos feitos da cavalaria religiosa.

A contronatação da *Iliada* e da *Eneida* com a *Jerusalém libertada*, colocou-a em lugar mais eminente; escritores cuja competência em matéria de crítica literária ninguém contesta, consideram a *Iliada italiana* superior à grega — na variedade dos episódios, nos contrastes das cenas e imagens múltiplas, no sentimento, e à *Eneida*, na unidade do assunto e coerência.

Mas nisso vai muito o assunto; as glórias de Aquiles ou a morte de Hector pertencem, por assim dizer, a um tempo, constituem apenas uma tradição ou ficção, ao passo que as idéias que se prendem às primeiras cruzadas pertencem à Europa

moderna que não possa se inspirar no espírito realista enxada às fogueiras. (Le-gioso, mas não somos açules.



Fotografia de Pacheco da Silva Junior

vassi. *La Vita di T. Tasso*, com este excelente crítico-comentador (por C. Guadà)

O assunto, que além de grandioso e universal, ainda mais se moldava às condições da epopeia, pela mescla do maravilhoso cristão das crenças populares com a magia do islamismo.

A sobriedade ou natural melancolia do poeta reflecte-se em todo o seu poema e dá-lhe mais alma, mais sentimento, na pintura dos caracteres femininos. O amor estreacido de Tancredi por Clarinda desperta mais entusiasmo do que o de Rogério por Bradamante.

Se nas descrições e pinturas de caracteres é Tasso inextinguível, que com o pincel de Ticiano nos traçou essas lutas entre duas religiões — uma austera e verdadeira, outra brilhante de superstições e de cego fanatismo, na linguagem do amor oingüên — com excepção de Shakespeare — jamais rastejou a altura a que ée ascendendo.

O ritmo é melodioso, valente o seu poeta. Ariosto ganhou mais popularidade pela familiaridade de seu estilo. Tasso pelo seu lirismo e tristes modulações.

Eccovi l'Infero d'è stato all'Infero

della o povo de Verona, quando Dame passava; o de Sorrento, Ferrara, Milão, Florença, camponezes e gondoleiros, todos cantavam sentidas baladas, que nada mais eram do que fragmentos da epopeia de Tasso.

com este excelente crítico-comentador desse poeta alto aprego à cavalaria — falam bem alto os fatos da sua vida relativos à sinceridade de crenças e vida religiosa.

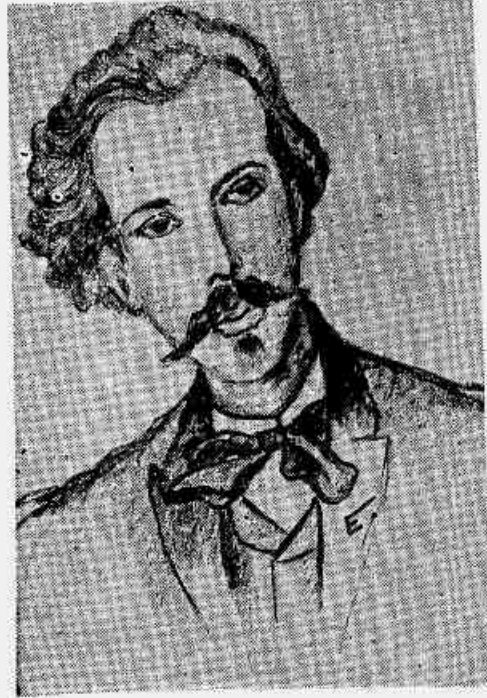
Algumas máculas encerradas nos escritos de Tasso: um ou outro verso trouxo, amido que raro, ou tão polido que descever o dente da luna; o excessivo lirismo; defeito que ée própria censura em Ariosto. *Suavitas est, homo tamen.*

Este último defeito, porém, estava na época que ainda apbuidia os poetas de Petrarca, Petrona e Cavalcanti.

A origem do mal era a Provença, onde ainda se bolava inspiração a poesia lírica italiana. "Quem não sabe transpor-se às esferas das idéias, crenças e dos costumes, diferentes daquelas em que o coração se fez mover — de Lamartine — tem a viver impedito, perdido no oceano da vida progressiva, múltipla, imensa da humanidade".

Crescido é o número dos críticos de Tasso; um exograram o mérito de suas obras, outros verberaram-na sem razão; raros conservaram-se no justo limbo da verdadeira crítica, cujo fim é modificar e não destruir. Exemplu deua crítica, imperativa e deontológica, temos no juízo crítico da *Academia della Crusca*, que negou à *Jerusalém libertada* os honros de poema e qualificou-a de fria e estúpida compilação.

Poco degna del titolo di poema, non era se non uno pesante e fredda compilazione, senza grazia e senza pro-porzione, di stile asquero.



Pacheco da Silva Junior, num desenho de Enola.



# DISSERTAÇÃO PARA O CONCURSO DA CADEIRA DE LITERATURA GERAL E LINGUA PORTUGUESA DO EXTERNATO DO IMPERIAL COLEGIO DE PEDRO II

Pacheco Junior

ineguale, piana di terra rudi-  
coli, di parole barbare, di ve-  
ziose circonlocuzioni, di fra-  
soli patogni, e che non com-  
prensava con nessuna bellezza e  
con tanti difetti.

"Quante bestemmie feten-  
tarie in si poco spazio — diz  
um escritor, cujo nome não  
escapa, referindo-se a esse es-  
tado e pedantesco juizo.

Os criticos florentinos são  
todos acordes em que é defei-  
to grave a reconciliação final  
de Arnaldo com Rinaldo.

Si parla e prega, ei pregia  
[bagna e scaglia  
Or di lagrimare, or di  
[scoprire.

Ecco l'avella tua; dessa a tuo  
[senso.  
Disponi (gli disse) e lo ha  
[figge al crano.

Facilmente accusa o poeta  
de monotonia, que se não en-  
contra no poema de Ariosto.  
Essa monotonia, porém, é de  
vida, não a fugacidade ou as-  
sunto, ou ainda a falta da fa-  
culdade criadora da poesia —  
a imaginação, — mas não so-

mente a uniformidade da ca-  
dência, que o obrigava muitas  
vezes a romper o scurdo para  
vão pular contra a medida.

Dal também o abuso dos  
conceitti por que tanto tem  
sido verberado. Assim, por  
exemplo, quando Tancredo  
reconhece que o guerreiro só-  
bre quem scalia de desfechar  
golpe mortal em combate  
singular é Clarianda, a mulher  
a quem amava incensamente,  
diz o poeta:

Poco quindi lontan nel sen-  
[del monte  
Scaturiva mormorando un  
[picciol rio

Egli s'accorse, e l'elmo empie  
[nel fonte,  
E sanò mento al grande uffo-  
[cio e pio

Tremar senti la man mentre  
[la fronte  
Non conoscenta ancor sciolse  
[lo scoprio.

La vita, e la connohce; e  
[restò sereno  
L'avea e motto *Ahi vista!*  
[Ahi conoscenza!

O effeito estava completo,  
mas *figa* era sujeitar-se à ti-

lanta da morte, e daí a frou-  
xidão do verso e certa ateta-  
ção.

Este defeito é característi-  
co da escola romantica.

O canto 4.<sup>o</sup>, que bem paten-  
teia a potência imaginativa  
do poeta, foi que inspirou a  
Milton a gloriosa concepção  
intitulada — *Paradiso perdido*.

D'essi parte a sinistra e parte  
[a destra

A seder vanno al crudo re-  
[davante,  
Siede Pluton nel mezzo; e  
[colta destra

Sostien lo scettro ruvido e  
[pesante;  
Nè tanto scoglio in mar nè  
[frupe alpestra,

Nè pur Calpe s'innalza o l'  
[magno Atlante,  
Ch'anzi lui non parcesse un  
[picciol colle,

Si la gran fronte e le gran  
[cornia estolle

Orrida nevata nel fero aspetto  
[Terrorre accresce, e più super-  
[bo il tendere;  
Rossegion gli occhi, e di  
[venceno infetto,

Come infansta cometa il  
[guardo splende:  
G'involve il merito, e sull'  
[issuto petto  
Ispida e folta la gran barba  
[scende:  
E in guisa di varagine  
[protomta,  
S'apre la bocca d'altro sangue  
[innouda.

— IV —

## CONCLUSÃO

Quando appareceram as  
poesias de Tasso, dividirse  
a Itália em dois grandes par-  
tidos — os *Tassiani* e os *Ariostiti*.

A confrontação da *Jerusa-  
lém* com o *Orlando* foi a prin-  
cipio desfavorável a Ariosto,  
mas tornou acordes com Ti-  
boschi em que a questão  
não é de superioridade, mas  
de preferência. "Quem amar  
a poesia da vida como ela é,  
leia Ariosto: porém, o que  
sonhar um mundo ideal, um  
mundo de intelligências mais  
sublimes; procure-o na *Jeru-  
salem libertada*".

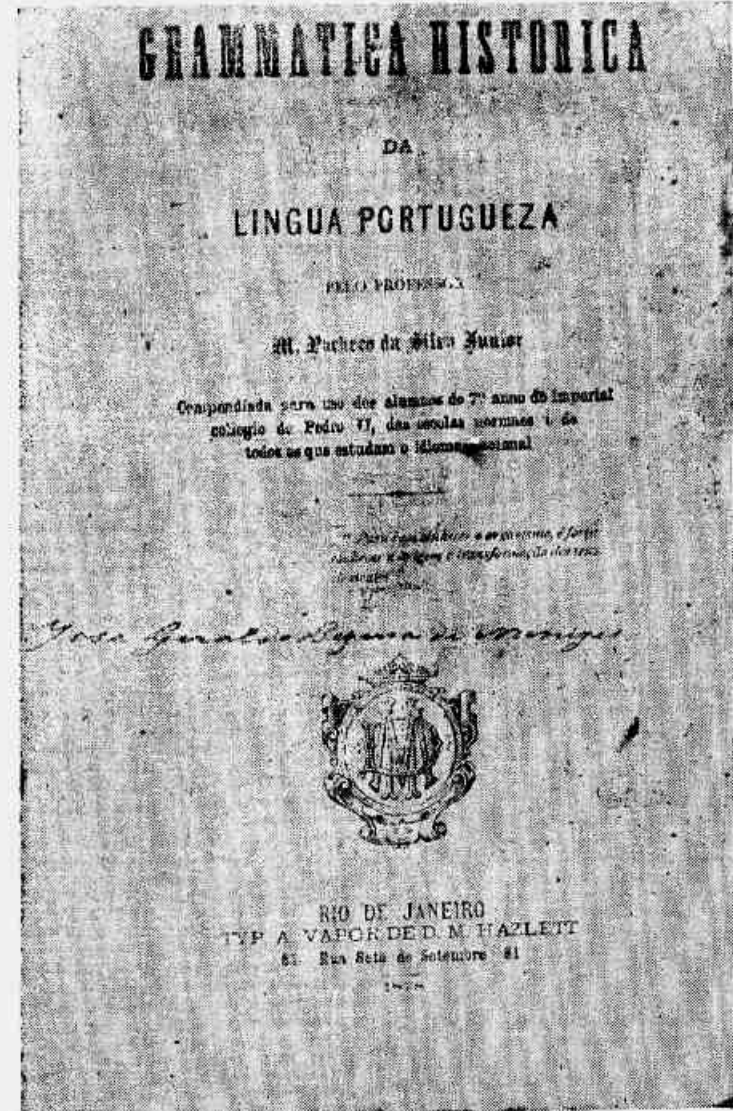
Ariosto é mais poeta, tem  
mais força de imaginação;  
mas o seu espirito é bebido  
nas fábulas, na cômica de  
Turpin, nas canções de Ges-  
ta ou da Távola Redonda;  
tem graves desviações da arte  
que passam despercebidas  
pela fluência da linguagem,  
que semelha impetuoso Rô-  
dano. Tasso é de eloquência  
mais imponente, de lingua-  
gem menos familiar; os seus  
sentimentos são mais puros;  
possui em mais alto grau a  
faculdade do abstrair, mais  
lirismo, mais ideal, sem con-

tudo cair na monotonia de  
Bivona.  
Não pertencem o *Orlando*  
com a *Jerusalem libertada*  
e *Jerusalem destruida* a que  
no *Orlando* por alguma ex-  
cepção, e que não torçama  
transportar as mesmas regras  
escritas.

Os melhores trabalhos so-  
bre este assunto — quanto ao  
enredo e unidade dos pos-  
emas, suas belezas e manchas  
— são sem duvida os de Gotta,  
Black, Strass, Manso, Gray e  
Bewlöff (9). O primeiro, sob  
o título de *Le roman poétique*,  
escreveu um livro, que muito  
gabos lhe tem valido, so-  
bre o maravilhoso do Ariosto.  
A noticia dada por Larrouse  
se sobre este poeta foi excessi-  
vada dos escritos de Corrales

— 90 —

Do Ariosto poucos tradu-  
ções conhecemos na lingua  
verdadeira, e essas apenas de  
romenos: as *Jerusalem* tem  
alguns excessos do Dr.  
de Simoni e duas versões do  
poeta inteiro, — uma de  
José Ramon Coelho, outra de  
André Rodrigues de Matos.



## Bibliografia de Pacheco Junior

(Continuação da pág. 40)  
colaboração, de Pacheco  
Junior e Lameira de An-  
drado, e foi publicada em  
fascioulos. Teve 2.<sup>a</sup> edição  
em 1894.  
— *Estudos filológicos*, de  
João Ribeiro. — (2.<sup>a</sup> edição  
— 1902, Jacinto Ribeiro dos  
Santos — Rio. Contem a po-  
lêmica travada nas colunas  
de "A Semana em 1887, en-  
tre João Ribeiro e Pacheco  
Junior, acerca de assuntos  
filológicos. Essa polêmica  
vai reproduzida em uma  
das páginas deste suplemen-  
to.  
\* \* \*  
Além desses livros, Pa-  
checo Junior publicou nu-  
merosos artigos de valor,  
nas colunas dos jornais e  
das revistas em que colabo-  
rou. Entre estes convém re-  
gistrar os seguintes:  
I — Colaboração na *Re-  
vista Brasileira* (época de  
Midosi):  
— *A propósito de algu-  
mas theses acentuadas pelo  
sr. Teófilo Braga nas suas  
produções literárias*. — T.  
I, pág. 116; t. II, pág. 479.  
— *Reforma da orthografia  
portuguesa*. A propósito da

coleção de estudos e docu-  
mentos a favor da reforma  
da orthografia no sentido so-  
noro, pelo Dr. J. Barbosa  
Leão — T. I, pág. 495.  
— *Guerzon Breia Inel*  
(*Cantos populares da Baixa  
Bretanha*) — T. III, pág.  
154.  
— *Uma forma verbal wa-  
caica* — T. V, pág. 57.  
— *O Dialecto Brasileiro* —  
T. V, pág. 487.  
— *Uma questão glotológi-  
ca* — T. IX, pág. 584.  
II — Colaboração em "J  
Semana. — Nesta revista  
encontram-se, desde sua  
sua fundação, artigos de Pa-  
checo Junior. A polêmica  
com João Ribeiro inicia-se  
em 26 de março de 1887,  
prolongando-se até abril do  
mesmo anno.  
III — *Revista de Lin-  
gua Portuguesa*. — A ex-  
celente revista que Laudelino  
Freire dirigiu teve oportu-  
nidade de reimpormir c'v-  
versos trabalhos de Pacheco  
Junior, como os dois seguin-  
tes:  
— *A reforma da ortho-  
grafia portuguesa*, n. 8.  
— *Ariosto e Tasso* (Tese  
de dissertação ao Pedro II)  
N. 33.

FAC-SIMILE da página de rosto da GRAMMÁTICA HISTÓRICA DA LINGUA PORTUGUEZA, pelo professor M. Pacheco da Silva Junior — Rio de Janeiro — 1878.



# DIALETOS - PROVINCIALISMOS, - BRASILEIRISMOS — PACIFICO DA SILVA JUNIOR

1.º — **Dialeto** é a língua peculiar a uma provincia, cidade ou estado, alterada do idioma donde procede, — na pronúncia, acentuação, nos desinências, no vocabulário. É esta a geral definição.

Os dialetos, porém, nem sempre são produzidos pela alteração fonética ou corruptiva da linguagem literária. Os provincialismos — já dissemos — têm muitos formas mais primitivas que as usadas pelos autores clássicos de qualquer período, o seu vocabulário excede às vezes ao destes em riqueza.

Cada provincia de um país qualquer, no qual se fala uma mesma língua, tem particularidades locais mais ou menos acentuadas de pronúncia e fraseologia, a cuja influência ninguém escapa.

Há mais: dentro de uma mesma cidade o homem culta pronúncia de modo nua outra do analfabeta, e não há negar a influência da plebe, "cuja órgão rude, mas independente, elaturo, mutila, omite elementos fônicos das palavras, corrompendo-as por fim".

Essas diferenças dialetais não tanta mais pronunciadas quanto distintas e extremadas se acham as classes sociais. As circunstâncias, que concorrem para o enfraquecimento dos laços políticos e sociais, ou para o fracassamento de um povo, aumenta a número das discordâncias "na seia da linguagem geral" (Whitney — loc. cit.).

Mas várias são as causas que contribuem, e por diversos modos, para este resultado — influência climática, as grandes cataclismos das raças e sociedades, o grau de cultura literária das línguas. E a literatura só pode surgir à luz do sentimento nacional.

Todas as línguas romanas têm varios dialetos particulares; o português, por mais breve ter sido a sua vida histórica, conta apenas três — o "galego", o "indo-português", o "suajo". O português falado no Brasil mais

diverge do falado em Portugal pelas modificações fônicas; mas o português de Lisboa — como judiciosamente observou o Sr. Conselheiro Castilho — também difere, na pronúncia de muitos vocabúlos, do das ilhas, do Coimbra, Pórtio, Trás-os-Montes e Algarve, do mesmo modo que o do Rio de Janeiro, diversificado do do interior de São Paulo, este do do Ceará ou dos Alagoas, o de Mossamedes do de Goa, o de Macau do de Timor.

Em alguns lugares pronúncia com pouca clareza e rapidez, em outros mais posada e distintamente, em outros ainda com certa aspereza ou como que cantando.

Estas alterações, que também se notam no Brasil, não são arbitrarias, e a questão de latitude é de grande importância para a corrupção fonética.

As alterações, porém, se não limitam à fonética, mas estendem-se à morfologia e sintaxe, e nas provincias de Portugal e nos Açores encontram-se certos modos peculiares de falar, certas formas locais, cujo estudo dava assunto para um trabalho curioso e de interesse "promodo, nãna eu". . . .

As diferenças a que acabamos de nos referir podem ser derivações de um tipo primitivo "limitados à uma certa classe de homens, a um distrito ou provincia, ou ainda vestígios d'esse mesmo tipo geralmente abandonado". E muitos exemplos do (último caso nos apresentam os "americanismos" e "brasileirismos").

"Dialeto" e "língua", pois, exprimem a mesma coisa para o etimologista; as diferentes accepções servem apenas na linguagem ordinária para distinguir a língua literária de um país das suas formas inferiores.

2.º — S. Rosa de Viterbo nota na "Eucidário" que, em innumeráveis dos nossos antigos documentos, variava a escrita à proporção que variava a pronúncia, o qual muitas vezes até em cada provincia discordava: — "S. Cibria", "S. Cipriano", "S. Cibram", "S. Sidram", p. "S. Cypriano", "Sanhoane", "Sanoanne", "Sanoane", "S. Oan", "S. Jam", "S. Jom", p. "S. João", etc.

Apointaremos algumas dessas irregularidades cujas causas deixamos indicadas.

Os Madeirenses pron.: — "máoa", "bóoa", p. "mou", "boa"; trocam o "o" grave acentuado antes de articulação chiente ou malhada por "e" grave: — "pájo", p. "pêjo", "tânha"; e o "u" agudo antes das mesmas articulações, em "ei": — "meicha" igual hereje, "seiga" igual soga, etc.

Em alguns lugares de Portugal mudam "é" e "ei" em "ai": — "b á i j o", meu "bám".

Os Mineiros trocam o "b" p. "v" e a "p" p. "b" (1), peon. "cm" nasal em três ditomos "ão": — são = som.

Também os Beirenses trocam a "b" por "v" reciprocamente; dizem "non", "som", etc. Formas mais próximas do tipo latino "non", "sum", etc. 1.º; terminam os verbos mais correntemente em "ari": "éri", "iri", "amari, beberi, etc." e dão ao "z" um som de "x": — "dixe", "dixere"; que em outras provincias se pronuncia com o som de "g" — "digere", etc.

Nestes modos de falar há uma certa harmonia com o priso escrever, que muitas vezes é mais etimológica e harmoniosa, como o succede nos formas antiquadas — "terribil", "omóbil", etc.

Os do Algarve e Alentejo mudam o ditongo "eu" em "ei": — "mei pai"; simplificam a malhada "lh" na liquida "l": — "eu diceli"; mudam o "ei" do pret. em "i": — "alómoei"; etc.; trocam o "z" p. "g" — "digia", "logia", "vigitor", e dizem — "fuge pacencia", "home", "conairo", "preguntar", "leixar", "dixe", "trouve", "ao redor" (— ao redor), "pidir", "midir", etc.

Os Coimbrenses pronúnciam: — "oialma", "oiaula", "setiãna", "novãna", "fruto", "ostrever-se", etc.

Em Lisboa, onde, como espiritualmente observou um escritor português, "hades"

ver como franzem a "saria à cuxta" do Golego, e como não "hardeni" perceber ou imaginar que "som aiaxquem extú" no éno", pronúnciam — "cravão", "cravoiro", "cravvalho", "crapineiro", "menzo", "auga", "augadeiro", "todadio", etc.

Os do Baixo, onde se pron.: — "nom" (=nãl), "som" (=saul), "hoi figual há", e trocam o ditongo "ou" em "oi": — "oivir", "oivido", "oiave", etc.; são todavia os únicos que pronúnciam com verdade o "ch", cujo som confundimos, e confundem os de Lisboa, com o de "x". E' assim que eles dizem "tchapéo", "tchove", e nunciam "kapó", etc., e nessas variedades e distinções de som está muito a beleza e perfeição dos línguas. (2)

Todos esses vícios, porém, são devidos à tradição, e a sua persistência é falta de cultivo intellectual.

No Brasil, os principais vícios da pronúncia do povo inculto consistem na metátese do "r", e na permuta do "l" pela "r" — "preguntar", "sordado", "sarca"; em dar ao "e" o som de "i" ("minimo", "mi deixi"); no acentuar sílabas subordinadas (papell); na supressão do "r" final ("amá", "sinhã"); e em

alguns lugares, na queda do malhada "lh" ("tocado", "mãid").

Advertimos, porém, que todas as línguas estão sujeitas a estas corrupções fonéticas e vícios de pronúncia.

O Parisiense, apesar da sarranga proferida pela Academia, teima em não pronunciar os "i" em "famille", "billard", etc., além de outras singularidades fônicas e fonéticas viciaes; o Landriño troca a "w" por "v" reciprocamente (weal" p. "veal", "vexed" p. "vaxed", "vickwed" p. "vicked"); faz muitas vezes soar um "i" ou um "s" onde não o há "srowdije" p. to "crowd", "nowhow", "nowheres"; transpõe letras, principalmente o "r" (perwent p. preventet), etc.

3.º — Há certas palavras que, conquanto tenham curso no Brasil, são todavia desconhecidos em Portugal. A estas particularidades de linguagem, e estas dislocções devidas à acção do clima (a mais poderosa das elementos do meio), à influência indige na os novas usuras e modo de vida, é que damos o nome de "brasileirismos", cujo feição característica consistem também em dar o palavras conhecidos sentido diverso.

## PORTUGAL

## BRASIL

"Bebado" . . . . .	Cheio de boba
Capoeira . . . . .	caioia ou caso para guardar oves.
Secura . . . . .	corne das faces do boi.
Fazenda . . . . .	bens mercaderias.
Mugueço . . . . .	tema do agricult.
Registro . . . . .	livro em que se registra, chove, mecanismo.
Raça . . . . .	mata raçada.
Sátão . . . . .	cosa térrea por boixo do 1.º andar; entressolhu.
Xácaras . . . . .	romance

Os termos que seguem são brasileirismos e modos de dizer próprios a cada provincia, alguns dos quais totalmente desconhecidos em Portugal.

- Azella — birra.
- Amojada — Na N. diz-se, e com cabimento, que o res está "amojada" quando está prestes a parir; estado que também se conhece pelo amoejo, rigidez das tetas.
- Alud — bebida feita com água, açúcar e farinha de milho torrada.
- Aljim — mandioca (Rio de Janeiro).
- Arapuca — armadilha de varinhas para apañhar passarinhos.
- Atirar — é a acção que faz o danganha nas danças populares, para tirar quem o substitua.
- Atapú — búzio que serve de trambeta ao jangadeiro para chamar freguesas ao peixe.
- Amalar — enfadar algum com importunidades, palavras de óca d'erna, etc.

- Amolador — homem enfadonho.
- Batuque — dança de negros (vcc. afr.)
- Fango — idem.
- Boquinha — beijo.
- Bocaina — lugar estreito de entre serras ou cabeças.
- Baião — dança popular.
- Bebida — bebedouro — (Ceará).
- Barbicacho — cordão com barla, preso ao chapéu, para que o vento o não leve (Rio Grande).
- Bonzairo — (além da significação própria) — indivíduo mediatubundo.
- Bola — Onça — Topeludo — homem valente, destemido.
- Gouim — vinho de mandioca.
- Ciscar — atorcer-se no chão após um golpe, pancada, etc.
- Chiquerador — tiro de couro torcida presa à extremidade de um pau. No Rio de Janeiro e Minas, dá-se-lhe o nome de rélio.
- Cuia — vasilha feita de

- id., e falhas de vestido.
- 1.º id., mas feito de cipó ou taquara; 2.º motagal de arvoretes tenues; 3.º ave; 4.º indivíduos que com sumo deestrea atocam com as pés e a cabeça: diz-se "jogar a capoeira".
- mulher casquinha! (3)
- Id., propriedade rural.
- Cuisaria de peixe e camarão.
- Id., imagem de um santo litografiada.
- Terra lavrada e plantada.
- água furtada; trapairos; apesento pequeno por cima dos andares.
- cosa de campo, arrubala.
- cabeça portida ao meio, e tirado o niolo.
- Cambuca — vasilha feita de uma cabecinha furada, onde se toma mate.
- Capeta — duende (Ceará), demônio.
- Chibio — goretto, brejeiro (N.)
- Capim — erva para posta do gado (vcc. tupi).
- Caivara — pequenas fogueiros para queimar os galhos etc., que escaparam do fogo geral.
- Cuchilar — dormitar sentado de pé.
- Congote — cochão.
- Carapina — carpinteiro.
- Carula, a — último gênito.
- Calundu — emuo, arrufado.
- Chilenes — espores enormes de ferro ou prata, com grandes resetas.
- Calunga — bonisco (Pernambuco) — rato pequeno, murgânho (Bahia).
- Comandango — (id. R. J.)
- Cempêdo — cavala em

*(Linguagem, incluindo os seus termos indigenas. É claro, porém, que de alguns termos de-clarámos francamente ignorar a verdadeira origem; de outros apresentamos hipóteses que nos pareceram bem fundadas pois sempre adotamos o método comparativo.*

*Pizemos tudo quanto é costume fazer para a obtenção de assinatura, à razão de 400 réis da nossa moeda por um fascículo de 32 pagis, mas felicemente não conseguimos nem uma assinatura.*

*Felizmente discussos nos foram muita tenaz variegado, política, e correccão.*

*É uma prova de que a língua é expulso, mas também é grande a differença entre a capacidade intellectual e a erudição das línguas que escrevera o naco de emuária e as do obscuro proferido que firma em: certo.*  
(Abreção da Língua Portuguesa)



# PACHECO JUNIOR - EXCERTO DE UMA CONFERÊNCIA LIDA EM 11 DE MARÇO DE 1948, NO COLÉGIO PEDRO II - HEROTIDES LIMA

Nasceu Manoel Pacheco da Silva Junior aos 15 de abril de 1842, nesta capital, na rua do Hospício, 235, onde também vieram ao mundo outros irmãos dele. Filho da Exma. Sra. Dona Rosalina Leonissa Pacheco da Silva, depois baronesa de Pacheco e do conselheiro dr. Manoel Pacheco da Silva, posteriormente barão de Pacheco, distinto médico e reitor do Imperial Colégio de Pedro II, cargo que exerceu de 1855 a 1872 e só deixou por atender insistentes pedidos do Imperador que o chamara para aio dos filhos da princesa D. Leopoldina.

Fez todos os estudos de humanidades em casa, sob a direção de seu pai, homem apaixonado pelas questões de ensino, auxiliado por professores particulares. Guiou daí Pacheco Junior para a Escola Central, hoje Politécnica, essa Escola Central que tão belas recordações me desperta, lembrando-me os bachareis do Colégio de Pedro II, que ali alcançavam sempre o primeiro lugar.

O moço carioca não passou do primeiro ano. Mais pela vida alegre que levava, que pelo não ajudar a inteligência, das mais fulgurantes que hei conhecido, o aluno deixou a Escola. Matriculou-se mais tarde na Escola de Marinha, no curso que então havia, destinado a civis. Também não se manteve em a nova condição o filho dos barões de Pacheco. Desligou-se da Escola, afirmando ao pai que abandonava os estudos, para procurar emprego. O temperamento ativo de que era dotado o impedia de continuar na Escola de Marinha, onde, como diz o bacharel Eduardo Pacheco, seu digno irmão, passava mais tempo no "bailéu" do que nas aulas.

Difícil não foi a quem possuía tão variados conhecimentos das línguas portuguesa, francesa e inglesa conquistar o lugar de amanuense da Secretaria dos Negócios Estrangeiros. Menos difícil ainda ser chamado

para oficial de gabinete do ministro, quando o funcionário desempenha com zelo e inteligência o exercício de seu cargo. Foi o que se deu com Pacheco Junior. A vida alegre que dantes seguia o moço funcionário ganhava intensidade com a liberdade que o emprego lhe havia proporcionado.

A boemia que levava, diga-se alto, era uma boemia inteligente, de espírito delicado, que consistia em fruir artisticamente o que o mundo apresenta de bono.

As consequências desse viver não se fizeram esperar. O dr. Pacheco da Silva via que o filho delinhava. Pediu a um colega que o examinasse; e este, depois de o auscultar, em conversa reservada com o ex-reitor do Colégio de Pedro II, deu-lhe a entender que o filho estava tuberculoso em primeiro grau. O dr. Pacheco da Silva, médico e homem ponderado, quis certificar-se do diagnóstico feito pelo colega. Chamou o filho, fê-lo despir-se, examinou-o atencioso e achou que o colega tinha sido rigoroso nas indicações a respeito da saúde do jovem. Pacheco Junior tinha apenas leve fraqueza pulmonar.

Era caso para uma viagem marítima, que tinha também a vantagem de o desviar do Rio de Janeiro.

Pacheco Junior pediu e obteve do ministro dos Estrangeiros licença de um ano, embarcando para a França em 1863. O pai recomendou-o muito ao ministro brasileiro em Paris, de quem era amigo particular. O funcionário brasileiro apresentou-se ao diplomata e não apareceu mais não obstante ter-lhe este posto à disposição mesa e cama para que a vida de Pacheco Junior não fosse pesada à estreitíssima fortuna do pai. Visitou mais tarde a Bélgica e Inglaterra.

Não há negar que a permanência do jovem brasileiro foi de grande alcance nas capitais europeias. Inteligente, versado no estudo dos prin-

cipais idiomas da Europa, não ficou alheio ao grande movimento filológico do tempo, agitador dos sábios europeus, nomeadamente alemães, e produziram, pouco tempo depois, a revolução causada no mundo científico e penetrando até à etnografia e pré-história.

Havia já surgido a "Histoire générale des langues sémitiques"; a "Geschichte der deutschen sprachen", — de Grimm. Mostrou-se sempre conhecedor de Darmsteter, Renan, Withney, Littré, Reinach, Mason, Ayer, Sayce, Bopp, de quem Salomão Reinach diz ser "o imortal fundador da gramática comparada"; Bréal, Max Muller, e, acima de todos Ottfried Muller, "o príncipe dos filólogos alemães", dos quais ocorrem eruditas citações em sua Gramática, ainda hoje o mais notável trabalho no gênero, não obstante os defeitos que lhe imprimiu a tipografia. Relevaria ponderar que, para Wolf devia ser desconhecida a ciência filológica a esse tempo. O douto escritor tomou para si o título de "studiosus philologiae", por ocasião da sua matrícula em Göttinga, verificada a 8 de abril de 1877. Reinach acrescenta que se chamou esse dia o do nascimento da filologia. Digo de passagem que nasceu a filologia dos alemães, o quarto e último período que lhe marca o eruditíssimo autor da "Philologie classique". Esta ciência não se propõe, assevera-nos ele, a estabelecer fatos particulares, nem conhecer formas abstratas, mas abraçar inteiramente o espírito antigo, nas obras da razão, do sentimento e da imaginação. A glotologia estava fundada e firmada em trabalhos de mérito contestado nos círculos espirituais do globo.

Todas essas jóias de humano saber deviam ter poderosamente influenciado o espírito do futuro professor brasileiro, concorrendo para a morte das velhas idéias, ou melhormente, para a nova orientação dada aos estudos de lin-

guística, depois do aparecimento de seus primeiros escritos.

Após ter visitado Bruxelas e Londres, voltou Pacheco Junior a Paris. Os pedidos de cheques sucediam-se constantes. Havia cartas, diz uma testemunha segura, em que somente era mencionada a quantia. O filho ausente dos barões de Pacheco não dava notícias de si. Os pais viam que a capital francesa, "la ville lumière", como lhe chamou Victor Hugo, era um pior prolongamento da cidade do Rio de Janeiro.

Não sei se manifestaram desejos de que o filho voltasse; mas asseguro que em 1864 estava de volta.

Era o ano destinado ao começo da nossa luta com o Paraguai, depois do marquês de Abrantes haver dito, em relatório, que as nossas relações com aquela República apresentavam um aspecto lisonjeiro. O jornal oficial de Solano Lopes considerava boa presa o vapor aprisionado, a carga confiscada e os empregados prisioneiros de guerra. Tudo isso é que não foi muito lisonjeiro...

Voltemos, porém, ao Pacheco Junior.

A mais triste impressão senti quando tive de inquirir do seu passado. Quem apenas dá notícia dele, pósto incompletíssimo, é Sacramento Blake.

Dos gramáticos, só o dr. Maximino Maciel o nomeia por vezes.

E' na ignorância, progressivamente maior, dos vultos e coisas pátrias que a injustiça encontra a sua mais perfeita justificação...

O autor das "Noções de Semântica", estudo de magna importância na opinião de Michel Bréal, era um dos raros homens deste país, para quem o ideal palpita na ponta da pena. Essa deita no papel a força da sua atividade de sorte que lhes fica a esperança de serem úteis, admirados, exaltados, quimera que é decisivo fator da história literária do Brasil. O descontentamento vem, por vezes, movê-los; é então que a revolta irrompe como os

ventos que Virgílio larva arrojarem-se desentreados das cavernas.

Ouçã-se o tom em que nos fala o escritor:

"Cedendo ao pedido de amigos, resolvemos publicar esses escritos sob um outro plano, e com amor nos desempenhamos do encargo. Sob o título geral de "Estudos da lingua portuguesa", compreendia o trabalho: 1.º, Gramática histórica; 2.º, Sintaxe; estudo a fundo da fisiologia e gênio da lingua; 3.º, Dicionário etmológico; 4.º, Dicionário das duplas; 5.º, Dicionário de sinónimos.

Tivemos, porém, de mudar de propósito que no dizer do escritor português Silvestre Ribeiro — pobreza não deixa brilhar. Elevada era a soma que se nos pediu para a impressão desses trabalhos e acresce que entre nós é sensaboria ocupar-se um homem de coisas pátrias: só tem primores, só interessa o que nos vem do estrangeiro. Os seus mestres são Montépin, Gaboriau, Terrail. Eis porque vemos o nosso tão formoso idioma cheio de mazelas e achaques, o ouro de lei substituído pelo mais barato alquime, e rantos literatos dando

"por lebres tão fedorentos gatos". Todavia, para satisfazer-mos ao desejo que nos foi manifestado pelo distinto proprietário da "Imprensa Industrial", iremos publicando nas colunas de tão interessante revista algumas notas sobre a lingua portuguesa.

Se tiverem aceitação (o que não é provável, mas é possível), continuaremos a escrever; se passarem despercebidas, retiramo-nos ao silêncio, repetindo com o excelente professor e nosso amigo, o dr. Garcia, um dos fundadores do Instituto Filológico: — Ainda é cedo...". Em 1875 dizia ele ter concluído um trabalho sobre a lingua portuguesa. Deve ter sido a "Fonologia", porque esse é o trabalho de valor de que há notícia entre outros que o professor do Colégio Pitagórico deixou. Declara no prefácio do livro

(Continua em pag. seguinte.)

# PACHECO JUNIOR

EXCERTO DE UMA CONFERÊNCIA LIDA EM  
11 DE MAIO DE 1918, NO COLÉGIO PEDRO II

HEROTIDES LIMA

(Continuação da pág. anterior) que "não era o desejo de brilhar que o movia, mas ficava o merecimento de ter sido quem primeiro locubrou em língua portuguesa trabalho glótico de maior momento". Teve o cuidado de ler as primeiras edições de trabalhos magistrais relativos ao assunto e estudar o latim das inscrições e epitáfios, os monumentos arcaicos e os da baixa latinidade. Pósto que de seus escritos ressume a intuição pessimista, que o não abandonou jamais. Pacheco Junior era laborioso escritor e infatigável operário mental. Tendo-se especializado em língua inglesa, o autor da "Fonologia" candidatou-se ao ensino dessa disciplina no Imperial Colégio de Pedro II, lugar em que foi provido.

Não é nisso, porém, que se concentra o valor do notável carioca; muito longe. Se bem pesquisarmos, veremos que as línguas românicas, nomeadamente a francesa, lhe eram familiares. Este foi o material que nos apresentou o escritor, versado no método da comparação, sistema que a linguística inaugurou no domínio da literatura histórica e outras ciências que se ocupam da natureza e do homem. A decifração dos antigos monumentos sanscíticos, cuneiformes e hieroglíficos trouxe aos admiradores de tais investigações os resultados mais satisfatórios. Por outro lado, conhecendo o latim popular, o "sermo castrensis", o escritor passava à compreensão do velho idioma lusitano, remontando à língua de Alexandre Herculano, Ruy, Laet e M. de Assis. Temo-lo então revestido do método histórico comparativo, de que foi o verdadeiro introdutor no Brasil. Atestam-no suas obras e escritos espalhados perdulariamente pelos jornais.

Quando o saudoso Fausto Barreto publicou o célebre programa, em 1887, Pacheco Junior havia pensado em elaborar uma Gramática, "para romper de vez com a tradição", segundo nos

declara. A norteação dada ao ensino da língua vernácula muito deveu ao professor Fausto Barreto; mas não é obra sua. O fruto estava amadurecido e a sua queda ameaçada pelos trabalhos de Pacheco. O novo programa de português representava mais uma oportunidade para que mostrasse ainda mérito o infatigável escritor, que detinha a cátedra de inglês. Novo concurso fez ao Colégio Pedro II para a cadeira de português, e literatura geral. Por decreto de 15 de março de 1879, foi nomeado professor, "atendendo ao merecimento e às habilitações que em concurso mostrou", como não-lo informa o próprio documento oficial. (Reg.º Dipl. e tit., lls. 44.) Ignoro, porém, o assunto da tese que defendeu; sei que a Biblioteca do Colégio a possui. Apesar de toda a capacidade organizadora do seu atual chefe, bacharel Cecílio de Carvalho, a cujo auxílio sou gratíssimo, não foi encontrado tão precioso escrito. Aqui nesta gloriosa casa que devia ser força conservadora de tão sublimes tradições, pedregal de nosso passado, estrelas de nossa vida, umbrais de nosso triunfo, o esquecimento vem poupar na ânsia febril de tudo envolver e dominar! Aqueles que iniciam aqui a carreira das humanas letras, confirmam o desprezo pelos mais preciosos adornos que deveriam exornar, em tempo não mui distante de nós, a obra vitoriosa do instituto legado pela quarta regência. Lá fora, apenas de leve, é lembrado o nome de Pacheco Junior; citado diria melhor, visto que lembrado sempre foi pelos leitores e copiadouros de livros que lhe trazem o nome.

Quando foi fundado o Grêmio Literário Carlos de Laet, e, por generosidade de seus sócios, me foi cometida a empreza de elaborar-lhe os estatutos, propus que às diversas cadeiras se dessem por patronos nomes de professores e beneméritos do Colégio Pedro II, visando o objeti-

vo de lembrar à instituição nascente os nomes de Pacheco Junior, Fortunato Duarte, Lucindo dos Passos e outros a quem sucedemos nas pelejas da vida. Não sei se foi aceita minha indicação, o que era para surpreender numa assembleia refratária, salvo felizes exceções, aos labores ingratos e despremiados das letras.

O trabalho de Pacheco Junior sobre língua inglesa se limitou à adaptação do método de Grasser da língua inglesa, modificado e aumentando com as regras de pronúncia. Este livro é de 1876. O gramático patricio era professor dessa disciplina no Liceu de Artes e Ofícios. Segue-se a esse livro a Fonologia, aparecida em 1877, época do negro pessimismo do autor, como está para ver-se no prefácio do livro. Nesse mesmo ano foi anunciado um dicionário etimológico, cuja publicação seria feita em folhetos de 32 páginas, vendidos a 400 réis; posteriormente a Gramática Portuguesa, na primeira edição em 1887, foi publicada da mesma forma. O escritor ameaçou de recolher-se ao silêncio; e eu possuo um documento dessa tentativa, que é a carta seguinte que acompanha um exemplar da Fonologia, pelo autor oferecido a um cidadão que pelos conceitos da epístola parece tratar-se dum médico:

"Meu caro Augusto.

"Ofereço-te esta minha última produção em testemunho da amizade que te consagro, e da minha gratidão.

"Aquela nasceu espontânea; cresceu à proporção que mais conhecia as raras qualidades morais de que és dotado; fortaleceu-se ainda mais desde que em meu ânimo agradecido tiveste jua ao reconhecimento. Esta originou-se da dedicação que mostreste por ocasião da primeira enfermidade do meu filho Mario; a Revista Brasileira, O Cruzeiro, onde sobrelevavam artigos como Re-

de morte daquela forma ortográfica, 1879; cujos passos na vida e momentos derradeiros constituiram série não interrompida de exemplos edificativos.

"Escusado era lembrar-te estas duas conjunturas, mas sinto prazer em deixar aqui consignados estes dois factos.

Teu  
Pacheco Junior"

Por essa missiva, vê-se que o autor considerava como último um trabalho que datava de 1887. Depois desta crise, cujas causas, sem dúvida, foram de pequena duração, o filólogo patricio fundou com o italiano Vivaldi, naturalizado norte-americano, a Gazeta da Tarde, primeiro jornal vespertino aparecido nesta capital. Em 1870 publicou a Gramática histórica da língua portuguesa, o unico trabalho de valor sobre o assunto até hoje escrito por pena brasileira. Publicou Pacheco Junior mais tarde, em 1880, um libreto sobre o Colégio Pedro II, em que lhe historiava a ação no passado e o que deveria ser no futuro. Em 1887 deu à publicidade a sua valorosa gramática, feita em colaboração com o professor Lameira de Andrade; este livro teve segunda e terceira edições, feitas em 1894 e 1907, esta última com adições de F. de Oliveira. Sacramento Blake, tala de uma Gramática literária da língua portuguesa, publicada em 1878, que em segunda edição veio acompanhada de um trabalho que se declarava inédito. Não obtive provas que lhe pudessem confirmar a existência. Em colaboração com o professor Ventura Boscoli, escreveu as Noções de análise gramatical, fonética, etimológica e sintáctica. Segue-se, logo após, o interessante folheto Prontuário do escritor português. Não somente obras enumeradas se embelezaram das flores do fecundissimo espirito do professor do Colégio Pedro II; perlustrava elle do meu filho Mario; a Revista Brasileira, O Cruzeiro, onde sobrelevavam artigos como Re-

forma ortográfica, 1879; Cartas lexicológicas, 1880; Questões gramaticais, 1886 e História dos nomes próprios portugueses. Impossível me é, em virtude da escassez do tempo, anallisar, à luz das modernas doutrinas, a extensa bagagem literária do professor Pacheco Junior, ou mesmo reba-

ter alguns factos que se prendem à vida íntima do saudoso escritor, adulterados com o correr dos anos. Em trabalho que pretendo publicar, darei conta de cada um desses assuntos.

Aposentou-se no cargo de professor de português, em 1886. O último trabalho que lhe traz o nome é a Semântica, livro valiosissimo pelos preciosos capitulos que encerra.

Tempos depois de ter obtido jubilação, Pacheco retirou-se para Niterói, sendo aí eleito, mais tarde, vereador da Câmara Municipal.

Aparecia por vezes aqui na Capital, crescendo a barba, entristecida a fisionomia pela crueldade da cardite que o minava, fugindo à sociedade fátua, a quem estigmatizava sempre com aspeza do habitual desprezo:

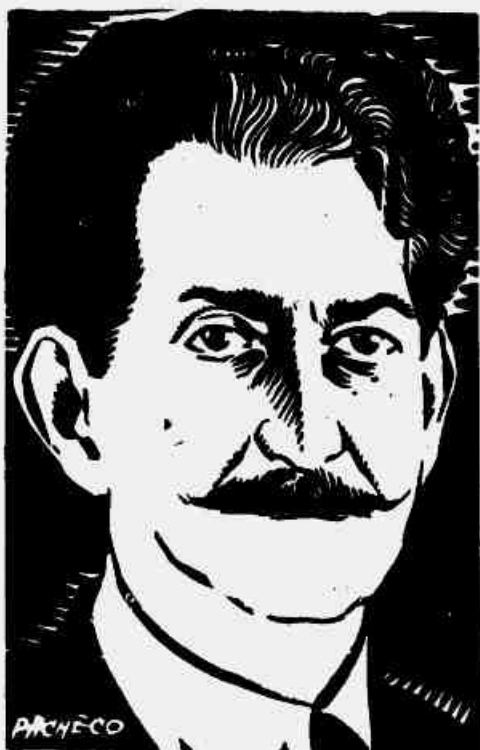
Donec eris felix, multos numerabis amicos;

Tempora si fuerint nubila, solus eris, diz o sentimental poeta das Metamorfoses. Apartado da família, dos amigos e discípulos, morreu anônimo, em companhia de mulher que talvez nem compreendesse o valor do companheiro de existência, morreu anônimo, aos 27 de fevereiro de 1899 o insigne introdutor do método histórico comparativo em linguística, no Brasil.

Não no exílio, como Scipião, que ainda tinha a consolarem-no os trabalhos do campo e a convivência do poeta Ennio; mas como Camões, pobre, velho, doente, quase no campo onde ao sol glorioso das pugnas mentais, a sua pena inflamada brilhava e rebrilhava tanto!

Se é verdade que aos mortos se devem consagrações, ninguém, mais

# A POESIA DE LUIS MARIANO DE OLIVEIRA



Luis Mariano de Oliveira, num desenho de Armando Pacheco

## Nota sobre Luis Mariano de Oliveira

Luis Mariano de Oliveira é irmão de Alberto de Oliveira, e foi em sua casa, em Niterói, que faleceu o grande poeta do Parahyba.

Funcionário aposentado dos Correios de Niterói Luis Mariano de Oliveira, a exemplo de todos os seus irmãos, tem passado a vida como um enamorado da poesia. Escreveu longamente, e se tivesse publicado todo o que escreveu seria hoje autor de numerosos livros.

De sua vastíssima produção inédita, da qual apenas publicou, muito timidamente, aqui e ali, em algum jornal ou em alguma revista obscura, um ou outro soneto, uma ou outra poesia, oferecemos agora a *Autores e Livros* algumas páginas, que vão aqui reproduzidas.

*Tão intenso é o fulgor que se irradia  
De teus lânguidos olhos, belos, graciosos:  
Tua voz tem tão doce melodia.*

*Modulações de tal maneira suaves,  
Que quando me olhos vejo a*  
[*luz do Anjo*]  
*Que quando te ouço escuto*  
[*a voz das aves*]

— VI —

### TÊTE À TÊTE

*Donde vens? Quem és tu, que*  
[*eu desconheço?*]  
*Serás a insona estrela peregrina,  
Que me sorri de modo tão travesso,  
Quando as sendas azuis do Céu me ensina?*

*Um anjo, por ventura? Alma divina,  
Ou criatura terrenal de grande apreço?...  
Realidade ou visão que me fascina,  
Mulher ou sombra: Fala, eu te obedeco!*

*Aqui me tens destemeroso e ledo,  
Pronto a seguir a estrada erva ou ruidosa,  
Traçada pela ponta de teu dedo!*

*Na minha adolescência eu te julgava  
Tal qual te vejo agora — ideal, formoso!  
E, desperto ou sonhando eu te esperava!*

— VII —

### ÚLTIMA LEMBRANÇA

*Quando eu morrer... (catástrofe*  
[*tremenda!*]  
*Que hai de levar à fria sepultura,  
Como lembrança, que a ninguém*  
[*surpreenda?*]  
*O retrato da tua formosura?*

*Não sei se, então, o encontrarei à venda...  
Mas levarei nessa última aventura,  
Como um herói — pois é sabida a lenda  
De que na morte tudo se mistura —*

*Não amor, que seria coisa antiga,  
Nem muito menos ódio, qualidade  
Que na meu coração jamais se abriga:*

*Quando eu tombar na minha casa imensa,  
Comigo irá como "última vontade",  
"Uma justa e formal" "indiferença".*

— VIII —

### CONTRASTE

*Dirás, ao ver-me entrar: — Jesus!  
[Como vem feio!]  
Que tristonho semblante!.. E que*  
[*mórbido othar!*]  
*Tudo nêle mudou, modificou-se, eu creio,  
Menos o coração, que o mantém a pulsar!*

*Eu, chegando, direi: — Oh, Deus!  
[Como inda é bela!]  
Conserva a mesma graça, a mesma*  
[*perfeição,*]  
*O mesmo rosto de anjo, o mesmo olhar*  
[*de estrela...*]  
*Sô não guarda consigo o mesmo coração.*  
[*(Continua na pág. seguinte)*]

— I —

### BOTÃO DE ROSA

*Entre parêntesis: (Eu amo as flores!)  
Enchem-me a idéia a juventude e a infância;  
Gosto do mar, das aves e das cores  
E aprecio das rosas a fragrância...*

*Ainda moça não és, nem és menina...  
Patativa a cantar de ramo em ramo?  
Anjo vindo do Céu? Alma divina?  
— Tu és flor... linda flor...  
E a flor eu amo!*

— II —

### RECANTO ESCURO

*No vasto lençol do gesto  
Que encerras no coração.  
Eleva-se o alto castelo,  
Morada da Ingratidão.*

*Logo à entrada de teu peito.  
Na porta desse solar,  
Quem bate lê, contrafeito:  
Aqui ninguém pode entrar.*

— III —

### NO VÓRTICE DO COSMOS

Eu e Ela

*Que fui, antes de ser o que ora sou, na vida?  
Uma lágrima ardente? Uma sadale atroz?  
Que serei no porvir, a milênios, de lida  
E de transformações por entre céus e sóis?*

*Um penhasco? Ou palmira em alta serra  
[*erguida?*]*

*Um simples beija-flor? Ou soberbo  
[*albatroz?*]*

*Raio etéreo de luz? Ou treva indefinida?  
Que serei, santo Deus?... Que mais  
[*seremos, nós?...*]*

*Mas eu sei... Adivinho as transições*  
[*futuras.*]

*Uma voz misteriosa, a segredar-me, as dias  
De extrema perfeição, e a cada vez*  
[*mais puros:*]

*Ela será, radiosa, a deusa dos espaços.  
Eu, radiante, serei na mutação feliz,  
O éco breve e sutil dos seus dados passos.*

— IV —

### DEVANEIO

*Tem guelbos de princesa!... Adora-a, e fico  
A meditar, ao vê-la alta e nobre:  
Seriam seus os mundos que o Céu cobre,  
Se eu fosse rei onipotente e rico.*

*E nos arcos castelos edífico  
Numa ansiedade que a ninguém se encobre;  
Se em vez de um vale tão obscuro e pobre,  
Eu fosse rei onipotente e rico...*

*Dava-lhe as arcas todas do Universo  
Cheias de jóias, mil palácios de ouro,  
Tudo em que trago o meu sentir imerso!*

*Dóce e bela visão que vivifico:  
Tu serias o meu ideal tesouro,  
Se eu fosse rei onipotente e rico!*

— V —

### EXTASIS

*Tão vivo amor nos olhos teus fulgura,  
Há nesses olhos tanto brilho, agora,  
Que quando os cerras surge a noite escura,  
Que quando os abres resplandece a aurora.*

*Tua inefável voz é tão sonora,  
Tem acordes tão cheios de ternura,  
Que quando silas todo mal minoro,  
Que quando contas todo bem se apura.*

# A POESIA DE LUIZ MARIANO DE OLIVEIRA

(Continuação da pág. anterior)

## ARGANÇADA DE HERÓIS

Ao querido irmão Joaquim, no seu 86.º aniversário natalício.

És tu da hercúlea prole o mais antigo  
 E elegante, e — autorizo-me a dizê-lo —  
 Da garbosa irmandade o mais amigo,  
 O espelho refletor do Sete-estrêlo

Varão potente de uma estirpe augusta:  
 Quanto moço cobija-te a pujança,  
 Isso virilidade estáica e justa  
 Que a juventude hodierna não alcança!

O pôsto de comando tu mereces  
 Destes titãs valentes, que te imitam  
 Desvendando da vida os lances; dêscos  
 Outros também que o Empíreo agora  
 [habitam!

São homens denodados, persistentes,  
 A prova já de fogo, de alma nobres,  
 Unidos até à morte, indiferentes  
 Aos tesouros da terra, dignos, pobres.

Impávidos caminham pelo mundo,  
 Reveses e perigos afrontando,  
 Em frente unida, a dois ou três de fundo,  
 Alegres e viris cantarolando.

Se este tropeça e cai, em pronto auxílio  
 Agrupam-se-lhe em tórno os demais; todos  
 Dispostos a fazer da angústia idílio  
 Pelo melhor dos benfazejos modos.

Acometem... As rudes atalaias,  
 E à pugna encarniçada, após, se lançam.  
 Vibram armas de múltiplos matizes,  
 Audazes, resolutos; não se cansam  
 Da luta desigual. E são felizes...

Espantadas, os postos deixam, correm  
 Da arena, atrás buscando priscas raías...  
 Atlantam-se os heróis: já cinco morrem.

Avantajam-se... Os bárbaros, sombrios,  
 Ao vê-los juce a face, se apavoram.  
 Do dorso hirauto escumam suores frios,  
 Indecisos recuam, raivam, choram...

Ao alcance do punho, ao prumo feres...  
 Também ferido estás, embora! Avante!  
 Se três ou quatro golpes mais lhe deres.  
 Vencerás esse horriífero gigante.

Avante! Avante! Avante! Abre caminho  
 A teus irmãos! Sê rijo, estáico, forte!  
 Não esmoreças, ainda que sózinho  
 Hajas de combater a invicta morte!

Não te pospa o inimigo fero e bruto;  
 Investe sobre ti a cabeçada,  
 Como touro bravo; é mau e astuto...  
 Ataca-o, por tua vez, a entulada!

Alberto, o meigo, o príncipe dos poetas,  
 Com tôda aquela mágica poesia,  
 Não logrou aplacar esses alistas,  
 Ele, que rudes gentes comovia!

Tombou, cantando, no entre-choque  
 [insano  
 Alcançado por golpe de surpresa,  
 Êle, o pulcro cantor do engenho humano  
 O noivo sem rival da Natureza!

És o guia, o cabeça, o férreo escudo  
 Dessa falange que repulsa o medo.  
 Truculento é o ciclope? Ousado? Rudo?  
 No duro chão também rola o penedo!

Mais uns golpes, como este, mais um passo  
 Mais um arranco, e os louros da vitória  
 Conseguido houverá teu destro braço;  
 Atingido terás excelsa glória!

Não ouves de clarins alviçareiros  
 O toque vingativo que se espalha?  
 E' o cântico triunfal dos companheiros  
 Que te exortam, do Céu, a árdua batalha

São luas em honror do destemido  
 Mais formidável que altaneiro tronco,  
 Que os puno, rechacando esse atrevido  
 Têculo desumano, feio e bronco.

Para a frente, orgulho e honra de tua raça  
 Que a ferrugem dos tempos não consome!  
 Para a frente!... Na vida tudo passa,  
 Porém na História ficará teu nome!

LUIZ MARIANO DE OLIVEIRA

# A VIDA DOS LIVROS

ALEXANDRE DIAS — Últimos Contos — 123 páginas — Livraria Editora da Federação Espiritista Brasileira — 1944 — Rio.

CRISTIANO MARTINS — Camêes — Temas e Motivos da Obra Lírica — Col. "Joaquim Nabuco" — 203 páginas Americ-Edit. — 1944 — Rio.

DIONELIO MACHADO — Os Ratos — 2.ª edição Coleção Autores Brasileiros — vol. 6 — 229 páginas — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre.

REVISTA BRASILEIRA DE

ESTUDOS PEDAGÓGICOS — Publicada pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos — Ministério da Educação — Vol. II — N.º 4 — Outubro, 1944 — 174 páginas.

GÉTULIO VARGAS — A Nova Política do Brasil — X — O Brasil na guerra (1.º de Maio de 1943 a 24 de Maio de 1944) — 309 páginas — Livraria José Olímpio Editora — Rio.

J. B. BRAUNER — Sorfan (Serviço Autorquico do Reabastecimento das Forças Armadas Nacionais) — 58 páginas — Parsol, imp. — 1944 — Rio.

PERICLES MORAIS — Confidências Literárias — 271 páginas — Empresa Gráfica "O Cruzeiro" S. A. — 1944 — Rio.

A. C. DE SALLES JUNIOR — O Idealismo Republicano de CAMPOS SALLES — 251 páginas — Livraria Editora Zelia Valverde — 1944 — Rio.

GENIO LATINO — Orgão da cultura, propaganda e defesa latina em America — N.º 106 —

32 páginas — Editada no México.

CORONEL JUAN PERÓN — El Pueblo quiere saber de qué se trata — Buenos Aires — Ano 1944.

HENRIQUE DODSWORTH — Discursos — (Cazias — Rio Branco) — 21 páginas — Imprensa Nacional — Rio — 1943.

LEOPOLDO PERES — Getúlio Vargas, o homem e o Chefe — (Ensaio político) — Com um prefácio do Ministro Marcondes Filho — 229 páginas — Seção de Livros da Empresa Gráfica "O Cruzeiro S. A." — Rio — 1944.

REVISTA BRASILEIRA DE ESTATÍSTICA — (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) — N.º 19 — Julho-Setembro de 1944 — 298 a 516 páginas — Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — 1944 — Rio.

REVISTA DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS — N.º 28 de 12 de Dezembro de 1944 — 184 páginas — São Paulo

OTAVIO DE FARIA — Teo-

gédia Burguesa (Livro "O Anjo de Pedra") — Romance — 659 páginas — Livraria José Olímpio Editora — São Paulo — 1944.

BIBLIOGRAFIA DE HISTÓRIA DO BRASIL — (Ministério das Relações Exteriores — Comissão de Estudo da História do Brasil) — 1.º Semestre de 1944 — 65 páginas — Imprensa Nacional — 1944 — Rio.

REVISTA BRASILEIRA DE ESTATÍSTICA — (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) — N.º 18 — Abril-Junho de 1944 — 184 a 297 págs. — Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — 1944 — Rio.

REVISTA BRASILEIRA DE ESTATÍSTICA — (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) — n.º 17 — Jan. Mar. de 1944 — 184 págs. — Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — 1944 — Rio.

RECLAMAMENTO DO DECI-MO CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRA-

FIA, sob a presidência de honra do Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas — Belém 7 a 16 de Setembro de 1943 — 18 páginas — Serviço Gráfico do I.B.G.E. — 1943 — Rio.

Comissão de Livros: — FERNANDO MENDES, 7 — ep. 122.

## DIALETOS

(Concluído da pág. 60)

do de falar traz certo destaque para uma obra brasileira: "Os Ratos" de Dionelio Machado e em alguns lugares de Minas, apresentando em "Nhô", "Nhô", e dizem "Nhô Quim" (Sr. Joaquim), "Nhô sim", "Nhô não", etc.

Antigamente chamavam "quilanda" aos campos rotatórios onde se estabeleciam os vivandeiros ("De antig. Rom.") Em Portugal também oul'ora assim se denominavam as felins e mercados de comestíveis em Angola, ainda hoje, como no Brasil, significam mercados de produtos de fama — "Barrido Shilite" sobre as poss. Port. os "barridos".

(3) Muitos são os campos papais no Brasil. Além das já mencionadas, temos o Fado, a choradeira, a Alama, a curta-fada, a cura incluído, o baú, o sorongo, o batanga, o jump, catareta, etc. Muitos são os nomes de artefactos especiais de que se servem no Rio Grande, São Paulo e Minas "batatas, bombas, coquetos, etc.", cujas peças têm nomes também especiais.

M. Pacífico da Silva Júnior — "Gramática Histórica do Língua Portuguesa" — Págs. 137-150.